

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PEDAGOGIA DA ARTE
EDIÇÃO 2012**

Maria Aparecida Ramos Dias

QORPO-SANTO À LUZ DO TRÁGICO EM NIETZSCHE

Porto Alegre
Janeiro de 2013

Maria Aparecida Ramos Dias

QORPO-SANTO À LUZ DO TRÁGICO EM NIETZSCHE

Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Pedagogia da Arte, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Professor Marcelo de Andrade

Porto Alegre
Janeiro de 2013

Maria Aparecida Ramos Dias

QORPO- SANTO À LUZ DO TRÁGICO EM NIETZSCHE

Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Pedagogia da Arte, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovada em ___/___/_____

Professor Dr. Marcelo de Andrade - Orientador

Professor Dr. Sérgio Andrés Lulkin

Professora Dr^a. Suzana Rangel Vieira da Cunha

Dedicatória

Aos meus antepassados paternos e maternos, pela aproximação com Qorpo-Santo

Ao meu pai e minha mãe, artistas que me geraram

Ao meu filho João Paulo, meu Apolo no corpo de Dionísio, obra prima primeira

Ao meu filho Luís Guilherme, meu Dionísio no corpo de Apolo, obra prima segunda

A minha filha Rafaella, minha obra de arte pura

Ao Beto, companheiro dionisiáco, compositor da minha obra prima Rafaella

Agradecimentos

Quando iniciei essa pesquisa, ingressei num universo novo, que me levou a muitas descobertas, para tanto, contei com a ajuda e orientação de muitos amigos e sou grata por isso, sem eles, tal caminho não seria o mesmo e possivelmente, nem chegaria a concluí-lo com êxito. Tentando seguir a ordem de encontro que me levou a Qorpo-Santo e Nietzsche, afirmo que, nenhum foi menos importante nesse percurso, agradecendo:

A Miguel Ramos, por me instigar e trazer direto do Pôrto/Portugal, em 2011, o louco desejo por Qorpo-Santo;

A Alexandra Virote, amiga incentivadora e responsável por eu fazer esse curso, toda minha gratidão;

A Margarida Tiburi, amiga e companheira nesse caminhar, por me possibilitar saber sobre o imaginário social da infância de Qorpo-Santo e pela parceria fundamental na pesquisa documental e revelação da verdadeira história da nossa gente e região;

A Alvares Naatz, por me incentivar e compartilhar os desafios enfrentados durante o ano de 2012;

A Gilberto Icle, por me embriagar com a ideia sobre pesquisar Qorpo-Santo, me orientar na primeira etapa da pesquisa com muito profissionalismo, gentileza, determinação e pela brilhante condução na coordenação do curso;

A Juçara Gaspar, pela dica da leitura de “Cães da Província” e dedicação aos alunos;

A Marcelo Pereira, por me inspirar a dançar o ditirambo dionisíaco com Nietzsche, em *O Nascimento da Tragédia* e principalmente, me orientar nessa pesquisa de forma tão autônoma e original, me fazendo voar com minhas próprias asas, mostrando ser um verdadeiro “guia e mestre” na concepção nietzschiana do que é ser um educador;

Aos professores de Poéticas..., pela orientação e esclarecimentos sobre pesquisa; a Sérgio Lulkin, por unir tão bem, alegria e ciência, a Luciana Loponte, por tecer arte, educação e gênero, a Luciana Prass, por trazer em si o princípio dionisíaco da música coletiva e de raiz;

A todos os professores do Curso de Especialização em Pedagogia da Arte-2012, sem exceção, pela oportunidade de compartilhar conhecimento e vida, em especial a Paola Zordan, por trazer o dionisíaco em sua epiderme;

A Fernando Abreu e Silva, por ceder gentilmente, o mapa de Felipe Von Normann-1859, que nos possibilitou saber a geografia de Qorpo-Santo e de época tão remota;

A Antônio Lima, pelas infinitas leituras, releituras, conversas e trocas sobre Qorpo-Santo.

LINDO -

Eu sou vida;

Eu não sou morte!

E esta minha sorte;

É esta minha lida!

LINDA -

Ind'assim, toma sentido!

Vê que é tudo fingido;

Não creias algum louvor:

Sabei: - Te trará dor!d

Qorpo-Santo

O que é dionisíaco?

[...]

é salvo pela arte, e através da arte salva-se nele – a vida.”

Nietzsche

RESUMO

A presente pesquisa trata especificamente de Qorpo-Santo e Nietzsche, a fim de elucidar seus contextos de vida e exaltar a importância de suas criações, no caso de *O Nascimento da Tragédia* obra primeira de Nietzsche e da peça teatral *Eu Sou Vida; Eu Não Sou Morte* de Qorpo-Santo, considerada sua obra-prima. Ao entrelaçar conceitos da arte e da filosofia à luz do trágico nietzschiano, busca-se saber se há traços trágicos na obra qorposantense citada. Ao partir de *O Nascimento da Tragédia* para entender os conceitos fundamentais sobre: apolíneo e dionisíaco; embriaguez, música e ditirambo – dionisíacos; origem da obra de arte, artista ingênuo e gênio em Nietzsche e “Os gregos e as Bênçãos da Loucura” em Dodds, para analisar em Qorpo-Santo, os possíveis traços trágicos, no artista e na obra *Eu Sou Vida; Eu Não Sou Morte*. Tal análise mostrou, sim, haver essa possibilidade e mais, a complexidade e atualidade de tais autores e obras, como, a vontade da continuidade e aprofundamento do estudo.

Palavras chave: Qorpo-Santo – Nietzsche – Tragédia – Arte - Filosofia

ABSTRACT

This current research specifically deals about Qorpo-Santo and Nietzsche, in order to elucidate their lives contexts and exalt the importance of their creations, supposing *Die Geburt der Tragödie aus dem Geiste der Musik* Nietzsche's first work and Qorpo-Santo's play *Eu Sou Vida; Eu Não Sou Morte* taken as his masterpiece. By tangling concepts of art and philosophy concerning the tragic Nietzsche style, it is sought to know if there is any tragic traits on Qorpo-Santo style in the work cited. Leaving *Die Geburt der Tragödie aus dem Geiste der Musik* to understand the fundamental concepts about: apollonian and dionysiac; drunkenness, music and dithyramb – all dionysiac; work-of-art origins, naïve artist and genius in Nietzsche and in the chapter “ The Greek and Blessings of Madness in Dodds”, to analyze in Qorpo-Santo, the possible tragic traits, in the artist himself and in his work *Eu Sou Vida; Eu Não Sou Morte*. Such analysis showed may exist this possibility and plus, the complexity and currentness of such authors and works, as the desire to keep strengthening this research.

Key words: Qorpo-Santo-Nietzsche-Tragedy-Art-philosophy

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Qorpo-Santo e o jovem Nietzsche.....	15
Figura 2 - Fragmento do mapa por Felipe Von Normann, 1859 (mapa inédito das charqueadas que mostra onde ocorreu a emboscada).....	18
Figura 3 – Assinatura inédita de Qorpo-Santo no inventário da família Aviz de Menezes, em Triunfo, 1850.....	21
Figura 4 – Casarios de Triunfo e casa de Qorpo-Santo no século XIX, casa atual de Qorpo-Santo em ruínas.....	22
Figura 5 – Fragmento do inventário de D. Senhorinha de Menezes, 1873, onde consta que possuía o imóvel na Rua General Câmara, nº 29/Arquivo histórico RGS .	24
Figura 6 - Fragmento do inventário de Qorpo-Santo, 1883, onde consta que possuía o mesmo imóvel de D. Senhorinha na Rua General Câmara, nº 29/Arquivo histórico RGS	25
Figura 7 – Observando a ordem, casa onde Nietzsche nasceu, passou a adolescência e faleceu.....	26
Figura 8 – Cenas da peça encenada em 1994 e do filme adaptado de 1970.....	47

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	QORPO-SANTO E NIETZSCHE: CONTEMPORÂNEOS - EXTEMPORÂNEOS	15
1.1	QORPO-SANTO E NIETZSCHE?.....	15
1.2	NOTÍCIA BIOGRÁFICA: QORPO-SANTO.....	18
1.3	NOTAS BIOGRÁFICAS SOBRE NIETZSCHE.....	26
1.4	RELAÇÕES EXTEMPORÂNEAS.....	28
2	O TRÁGICO EM NIETZSCHE	30
2.1	O NASCIMENTO DA TRAGÉDIA: APOLO E DIONÍSIO.....	30
2.2	A EMBRIAGUEZ, A MÚSICA E O DITIRAMBO – DIONISÍACOS.....	32
2.2.1	Da Embriaguez Dionisíaca.....	32
2.2.2	Da Música Dionisíaca.....	33
2.2.3	Do Ditirambo Dionisíaco.....	34
2.3	A ORIGEM DA OBRA DE ARTE, O ARTISTA INGÊNUO E O GÊNIO.....	35
3	OS GREGOS E AS BENÇÃOS DA LOUCURA EM DODDS.....	38
4	QORPO-SANTO: TRAÇOS TRÁGICOS NO ARTISTA E NA OBRA.....	42
4.1	QORPO-SANTO UM ARTISTA TRÁGICO?	42
4.2	TRAÇOS TRÁGICOS NA OBRA “EU SOU VIDA; EU NÃO SOU MORTE”..	47
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
	REFERÊNCIAS.....	57
	ANEXOS.....	59

INTRODUÇÃO

Quando ainda em dúvida, sobre qual tema pesquisar e autores, um toque sutil e quase musical, veio em sons na voz do Gilberto Icle: “Qorpo-Santo”. Durante uma das primeiras aulas de Poéticas, exemplificando pesquisas elaboradas ou a elaborar, foi como um som longínquo a soar em meus ouvidos, que teve ressonância e eco instantaneamente. Mas, o que exatamente saber? Logo, me pus a pensar, escutar minhas intuições, devaneios e o caos se instalou. Quando de relance, como um “qorpo” em movimento, peguei no ar, em uma das aulas de Filosofia da Arte, o que o Marcelo estava a falar sobre a estética nietzschiana e a obra primeira do filósofo do “martelo” *O Nascimento da Tragédia* em Nietzsche e seus conceitos instigantes de dionisíaco, apolíneo, ditirambo dionisíaco, arte, gênio e artista ingênuo. Mesmo tendo pouco contato com a obra de Qorpo-Santo e Nietzsche, ouvi uma voz interna indagar, é possível haver um traço trágico na obra de Qorpo-Santo? Caberia o entrelaçamento e a análise desses conceitos trágicos nietzschianos com a obra qorposantense? Sabia há muito tempo que, minha aproximação com Nietzsche, cedo ou tarde se daria, só não imaginava, que fosse a partir do contato com a obra de outro “extemporâneo-contemporâneo” como Qorpo-Santo que, além de ser um artista brasileiro, gaúcho é com muito orgulho, meu conterrâneo.

Ao partir da mais remota lembrança de minha infância, das histórias contadas por minhas avós e tias, sobre Qorpo-Santo, busquei na leitura, de *Cães da Província* de Assis Brasil (1997), na obra *Teatro Completo* de Guilhermino Cesar (1980), num primeiro momento, pensar e aprofundar tal investigação. Porém, mais tarde, através da obra *Miscelânea Curiosa* de Denise Espírito Santo (2003), do texto *Acordes Adversos: musicalidade e harmonia na obra Eu Sou Vida; Eu Não Sou Morte* de Célia Bandeira (2008) e das pesquisas sobre os *Charqueadores, Estancieiros e Vereadores: elites econômicas e políticas nas margens do Jacuí - (São Jerônimo XIX)* de Margarida Tiburi (2008), consegui em parte, montar o quebra cabeças. Ficava clara a possibilidade de diálogo entre Qorpo-Santo e Nietzsche, da análise da vida e da obra de Qorpo-Santo sob o olhar de Nietzsche e de haver um traço “trágico” na obra desse autor gaúcho, considerado o precursor do teatro do absurdo.

As indagações foram diversas, tipo: Qorpo-Santo é um autor trágico? É possível ventilar tal hipótese, entrelaçar a genialidade e o pensamento de dois “espíritos livres”, “contemporâneos-extemporâneos” tão distantes em sua geografia, mas tão próximos em sua subjetividade e, lançar novos olhares à sua obra? Tal investigação objetivou, desde então, estabelecer a relação entre as interfaces da arte e da filosofia, bem como, revelar a

importância e a tamanha dimensão da obra e do artista - triunfense, gaúcho, brasileiro e universal - Qorpo-Santo, sob o olhar filosófico, estético, ousado e desafiador de Nietzsche, para uma reflexão na contemporaneidade, já que, a pertinência de suas concepções, vislumbraram, há mais de um século, o caos existencial que vivemos na atualidade e que Qorpo-Santo tão bem retrata em sua obra teatral.

Lançar o olhar ao outro lado do rio, mais precisamente à cidade de Triunfo, o lugar sagrado em que Qorpo-Santo nasceu e querer sabê-lo, em parte foi tirar minhas dúvidas de infância e das histórias contadas por meus antepassados e, pensar em outra possível biografia a ser urdida, como as redes dos pescadores, com muita delicadeza, cuidado e persistência. Como cabe pensar, poder nascer em lugares tão distintos, no mesmo século, quase ao mesmo tempo, dois grandes gênios, um, no berço do pensamento moderno alemão, onde tudo era favorável a tal arrojo de criação, “para além de um gênio metafísico” e outro “qorpo”, aqui em nossa região, em Triunfo, às margens do Jacuí, da Revolução Farroupilha e das sanguinolentas charqueadas, um lugar provinciano do séc. XIX e sem acesso direto aos cânones da cultura europeia? Como falar e pesquisar tais obras e autores, sem navegar por fragmentos e a outros tantos autores, registros e leituras? Foi a isso que me propus e venho elucidar ao leitor tal ideia.

As etapas do estudo em questão se desenrolaram em capítulos não lineares, a propósito da forma com a qual se depara nas obras principais de Qorpo-Santo, organizadas por Guilhermino Cesar (1980) e Denise Espírito Santo (2003) e também nas de Nietzsche, para formatá-los de maneira similar. Não podendo, portanto, fugir dos moldes acadêmicos, aborda-se: - A Introdução com informações já acima citadas; no capítulo 1 Qorpo-Santo e Nietzsche: contemporâneos – extemporâneos, os subcapítulos: - 1.1 Qorpo-Santo e Nietzsche? ; 1.2 Notícia Biográfica: Qorpo-Santo; 1.3 Notas Biográficas sobre Nietzsche e 1.4 Relações Extemporâneas. No capítulo 2 O Trágico em Nietzsche, que se subdivide em: 2.1 O Nascimento da Tragédia: Apolo e Dionísio; 2.2 A Embriaguez, a Música e o Ditirambo – Dionisíacos e ainda, em: 2.2.1 Da Embriaguez Dionisíaca; 2.2.2 Da Música Dionisíaca; 2.2.3 Do Ditirambo Dionisíaco, finalizando com o subcapítulo: 2.3 A Origem da Obra de Arte, O Artista Ingênuo e o Gênio. No 3 Os Gregos e as Bênçãos da Loucura em Dodds, aborda-se em capítulo único. Em fim, no 4 Qorpo-Santo: Traços Trágicos no Artista e na Obra; e seus subcapítulos: 4.1 Qorpo-Santo um Artista Trágico? - 4.2 Traços Trágicos na obra *Eu Sou Vida; Eu Não Sou Morte*. Nas Considerações Finais, é proposto entrelaçamentos e estudos sobre Qorpo-Santo, sua obra teatral, literária e jornalística e sobre Nietzsche, a fim de aprofundar, conceitos de sua obra primeira *O Nascimento da Tragédia* e dar continuidade a

investigação a partir, também, de obras do Nietzsche tardio, com o objetivo de ajudar a revelar à contemporaneidade os célebres autores e suas obras.

No primeiro momento, em “Qorpo-Santo e Nietzsche: contemporâneos – extemporâneos”, é apresentado de forma breve seus contextos históricos, a fim de contextualizar o imaginário social da época em que viveram, esclarecendo melhor em “Notícia Biográfica: Qorpo-Santo” a trajetória de luz e sombra de José Joaquim de Campos Leão, desde seu nascimento e infância em Triunfo/RS-BR, em berço nobre, próspero e de alto nível cultural para época e por outro lado, sua adolescência doída, sofrida, tensa e de certa forma trágica, diante de ter vivido uma sucessão de perdas, dados relevantes e por certo responsáveis pela manifestação da sua monomania em adulto, seguida pela interdição e escárnio em vida, feitos por sua mulher e seus contemporâneos. Bem como, de sua morte e da revelação de sua impressionante obra a *Enciclopédia ou Seis Meses de Enfermidade* mais de um século depois da mesma ser escrita, por tão extemporâneo autor. Em “Notas Biográficas sobre Nietzsche”, aponta-se, de maneira sucinta, chamar a atenção à vivência conturbada e sofrida que o filósofo “dinamite” viveu na Alemanha. Com intuito claro de trazer à luz sua criação extemporânea *O Nascimento da Tragédia*. Obra de um jovem professor de letras clássicas que despertou polêmica pelo seu caráter pessoal e pela ousadia de sua abordagem em que desafiava a concepção tradicional dos gregos como povo sereno e simples, defendendo que, a dor, a loucura e o lado irracional ou dionisíaco de tal povo é que teria forjado a grande obra que foi a tragédia ática, desacomodando seus contemporâneos e a muitos até hoje. Em “Relações Extemporâneas”, procura-se estabelecer e entrelaçar não só afinidades e vivências, como e, principalmente, traçar pensamentos similares dos contemporâneos-extemporâneos.

No segundo instante, em “O Trágico em Nietzsche”, parte-se da leitura e análise de *O Nascimento da Tragédia* (2007) e do estudo de Marcelo de Andrade Pereira, *A Epiderme do Pensamento: Arte e Educação sob o ponto de vista Trágico do Primeiro Nietzsche* (2009), vindo elucidar conceitos primordiais a cerca do trágico nietzschiano, misto da ética e da estética em torno da origem da arte, da união de opostos, do pacto que surge da tensão entre o “apolíneo” e o “dionisíaco”; da essência dionisíaca que é a “embriaguez”, no qual o “entusiasta dionisíaco” vive o “frêmito dionisíaco” através da dança e da música. Da música como espírito e origem da tragédia, já que, a música e a palavra, em uníssono, fundam o “drama trágico”. A tragédia consiste, no universo nietzschiano, a uma espécie de prolongamento dos cortejos em louvor ao deus Dionísio, o “ditirambo dionisíaco”. No contexto dionisíaco, o homem se afirma como Ser, como aquele indivíduo que capta as coisas

no “fluxo” interminável da natureza que estabelece a noção de “artista ingênuo”, daquele que toma o fluxo como o seu limite. Na “transfiguração” se dá a ideia de “gênio” que, assume um sentido primeiro em *O Nascimento da Tragédia*. Com o objetivo de compreender tais conceitos a cerca do trágico em Nietzsche para no fecho desse estudo tecer as relações com a obra *Eu Sou Vida; Eu Não Sou Morte*.

No capítulo três, em “Os Gregos e as Bênçãos da Loucura”, evidencia-se o papel da loucura na Grécia e as bênçãos que a mesma pode trazer no processo de criação, sob o olhar de E.R. Dodds em *Os Gregos e o Irracional* (2002), em que esclarece os modos primitivos de pensamento dos Gregos, bem como, nos fala da loucura, do irracional e do paradoxo posto na fala do pai do racionalismo ocidental Sócrates, no Fedro que diz: “Nossas maiores bênçãos vêm a nós através da loucura”. Questiona-se, assim, como Nietzsche, o papel que a loucura tem na origem da obra de arte trágica do povo da Hélade e nesse sentido, como essa mesma loucura pode ter influenciado, profundamente, na criação de Qorpo-Santo.

No quarto, “Qorpo-Santo: Traços Trágicos no Artista e na Obra” chega-se ao ponto proposto: a aproximação com o artista Qorpo-Santo, seu processo criativo, a análise da obra de arte nascida e parida pela dor, pela loucura e sua sublime transfiguração em genialidade, à luz do trágico nietzschiano e do estudo de Célia P.S. Bandeira, *Acordes Adversos: A Harmonia de Eu Sou Vida; Eu Não Sou Morte* (2008), para chegar à obra considerada pelo próprio Qorpo-Santo uma “tragédia” e por Guilhermino Cesar (1980) “uma obra-prima” e conceber a ideia de haver traços trágicos evidentes acerca da peça teatral. Tais traços se apresentam na musicalidade e harmonia dos movimentos contrários; na urdidura entre as vozes melódicas de Linda (mulher roubada) e Lindo (roubador) e, no ritmo entre elas; na tensão e nos acordos; no fluxo não linear; na embriaguez, na musicalidade das palavras, no ditirambo que a peça nos leva a dançar; na evocação ao diabo e na possessão do *daemon*; na união de opostos e do pacto pela vida, na figura de Manuelinha (filha de Lindo e Linda) em contraponto com a configuração de Apolo no Rapaz (marido legítimo), que representa a dimensão da materialidade, da individualidade e do institucional.

Para clarear o caminho que conduziu e orientou a pesquisa, quanto à metodologia iluminada pelo mensageiro dos deuses gregos Hermes, aqui se apresenta como uma possibilidade de filosofia aplicada, através da observação, da leitura e de estudos, de registros, documentos e textos, em que se procura interpretar teorias e processos, numa reflexão teórica, metodológica e qualitativa, que se intuiu fazer a análise da vida e do processo de criação de Qorpo-Santo e da obra *Eu Sou Vida; Eu Não Sou Morte* para averiguar os

entrelaçamentos possíveis com Nietzsche e sua concepção da Tragédia Clássica em sua obra primeira *O Nascimento da Tragédia*, numa perspectiva hermenêutica - estético - filosófica.

Por fim, postula-se a ideia de que Qorpo-Santo e Nietzsche são autores para ocupar um investigador por um tempo infinito, já que deles e de seus pensamentos complexos, demandam; atenção, rigor e a inquietação por uma busca incessante que, a cada frase, fragmento, aforismo, poesia ou obra, levam a intermináveis e novas possibilidades acerca de investigações nos campos da arte, da educação, da filosofia, da política, da literatura, da psicanálise, do humano e da própria vida, tema central de suas obras contemporâneas.

1 QORPO-SANTO E NIETZSCHE: CONTEMPORÂNEOS - EXTEMPORÂNEOS



Figura 1 – Qorpo-Santo e o jovem Nietzsche

Fonte: adaptado do Power Point QORPO-SANTO À LUZ DO TRÁGICO EM NIETZSCHE, Cida Dias, dez/2012.

1.1 QORPO-SANTO E NIETZSCHE?

Para evidenciar o caminho que me levou a essa pesquisa, não posso deixar de apresentar Qorpo-Santo e Nietzsche em seus contextos, para melhor entendermos a concepção do trágico nietzschiano, seus conceitos fundamentais e dos possíveis traços trágicos na obra prima qorposantense *Eu Sou Vida; Eu Não Sou Morte*, dessa forma, dizendo sim a Qorpo-Santo e Nietzsche, à vida e à obra desses dois gênios¹ contemporâneos - extemporâneos. Esses dois homens, cujas vidas foram marcadas por espantoso poder criador e pela loucura, foram contemporâneos e viveram em meados do século XIX, um em Triunfo, RGS - Brasil e o outro em Rocken - Alemanha. Contemporâneos, mas vivendo em lugares e culturas muito

¹ Gênio, aqui no sentido nietzschiano tardio, onde Nietzsche aponta a genialidade não como um talento inato, ou um dom, mas “grandeza” adquirida [...]. Nietzsche mostra o gênio em uma posição demasiado humana em que representaria o indivíduo criando, não para mostrar essa verdade fundamental, mas para produzir a diferença. Porém a transformação se dá dentro de um ponto importante que é a busca por ser o que se é. As qualidades desse gênio são “puramente humanas”, pelo resultado de infelizes ou “felizes circunstâncias que ali se juntaram: energia incessante, dedicação resoluta a certos fins, grande coragem pessoal; e também a fortuna de uma educação que ofereceu os melhores mestres, modelos e métodos.” (MAI/HHI 164, KSA 2.155)

distantes e distintas, eram igualmente, extemporâneos, pois suas ideias estavam além dos costumes, convenções sociais e intelectuais para época. Suas inquietações foram além de suas dores físicas e existenciais, passaram por cima dos preconceitos gerados sobre eles pela sociedade da época e se entregaram as bênçãos que a loucura traz - conforme Platão acreditava ter sido, a loucura, responsável pela criação do povo da Hélade em sua juventude (NIETZSCHE, 2003, p. 15) - significando a importância de suas próprias vidas e obras.

Escolhi a obra de Qorpo-Santo como objeto desse estudo, por ter sido o mesmo um artista e humano singular, mas de forma especial e carinhosa, por ter ele nascido às margens do Rio Jacuí, na cidade de Triunfo, cidade esta geradora da cidade onde também nasci e moro, São Jerônimo, onde também venho provar, através de registros, as muitas histórias contadas por meus parentes maternos, relatando que Qorpo-Santo teria convivido com alguns de nossos antepassados e por ser então meu conterrâneo, mas antes de tudo, pela importância de sua criação artística para o teatro gaúcho, brasileiro e mundial, em especial por sua obra considerada por muitos, sua obra-prima, a peça *Eu Sou Vida; Eu Não Sou Morte* que, também, traz em si, fortes traços trágicos e que me levou a pensar tal possibilidade e análise a essa obra.

Quanto à escolha de Nietzsche e de sua obra primeira *O Nascimento da Tragédia*, foi trazer à luz conceitual do trágico do primeiro Nietzsche para pensar a obra acima citada, bem como, o artista Qorpo-Santo e revelar os possíveis traços trágicos na obra teatral *Eu Sou Vida; Eu Não Sou Morte*, por crer que, ninguém melhor do que Nietzsche e suas concepções de trágico para dialogar e se entrelaçar com a obra e a própria vida de Qorpo-Santo.

Os mesmos contemporâneos tinham treze anos de diferença e como já dito, nasceram e viveram em culturas muito diferentes, porém, ambos, extemporâneos viveram e conceberam obras e criações à frente de seu tempo, creio, portanto, que através de seus escritos e pensamento, se complementam em suas ideias e devem receber de nós, na atualidade, o apreço e importância de suas criações atemporais e que tão bem prenunciam os dias de hoje e os que virão.

Qorpo-Santo, como diz Guilhermino Cesar (1980, p. 45), “não é personagem de ficção; existiu realmente [...] E não só conseguiu agitar o ambiente de sua época [...] como teve forças para fazer com que sua obra chegasse até nossos dias mais viva do que nunca.” Escarnecido em vida, sua obra não foi poupada nem depois de morto. Da mesma forma, hoje reconhecido por sua ousadia e “gênio criador” é considerado por muitos, como o precursor do

teatro do absurdo². Sua obra é ainda pouco estudada, mas considerada de tamanha importância para o teatro e literatura gaúcha, brasileira e mundial. Conforme afirma, Guilhermino Cesar (1980, p. 50), ele: “fundou um gênero: o teatro *nonsense*,³ só descoberto pelos europeus depois de Jarry, é criação sua. Quando estudamos, na dramaturgia moderna, a ação de Ionesco, comparada com a de Qorpo-Santo, assistimos a esse último à irrupção violenta do gênio.” Dentro de sua loucura (e só um louco ousaria fazer o que ele fez), o impertinente e compulsivo Qorpo-Santo, retrata nos nove volumes de sua *Enciclopédia*, fruto de sua mente inovadora, inventiva e tomado pela monomania⁴, problemas existenciais da sociedade de sua época, com um forte toque cômico e por vezes trágico, principalmente em sua peça teatral *Eu Sou Vida; Eu Não Sou a Morte*, que me faz, assim como outros defensores de sua obra, reivindicar à ele, “um lugar entre os maiores dramaturgos da língua portuguesa” (CESAR, 1980, p. 57) e à sua criação a autenticidade da verdadeira obra de arte, que mesmo oculta e excluída por um século, vem à luz dos nossos dias revelando e mostrando a força de uma lucidez absurda.

Quanto a Nietzsche, o filósofo do “martelo”⁵ ou “dinamite”⁶ que assim como Qorpo-Santo, foi um “espírito livre e intempestivo”, poderia resumir sua vida em uma única frase, como o mesmo o fez, que diz: “Uma vida de erudito, que começa cedo, logo se interrompe e termina na loucura.” (HELFERICH, 2006, p. 337) Mas aqui o que nos interessa é saber sobre o primeiro Nietzsche e o começo de sua carreira científica, que começa justamente com suas pesquisas eruditas sobre a arte antiga, quando a partir desse estudo profundo da Antiguidade, surge sua primeira obra *O Nascimento da Tragédia a partir do Espírito da Música* (1872). Com *O Nascimento da Tragédia*, Nietzsche desenvolve uma nova concepção sobre a cultura grega. Seu princípio é a oposição entre duas divindades, Dionísio e Apolo. Dionísio é o deus do êxtase e da música, da transgressão dos limites, da embriaguez, pela perda de si ou a entrega à dança, pelo sentimento de união entre homens e natureza. Apolo por sua vez, é o indivíduo isolado, apresentado como uma escultura, o símbolo do homem belo e harmonioso.

² Teatro do absurdo ou teatro do grotesco, “surgiu como antipeça da dramaturgia clássica, do sistema épico brechtiano e do realismo do teatro popular.” Sua forma “é de uma peça sem intriga nem personagens claramente definidas: o acaso e a invenção reinam nela como senhores absolutos.” (PAVIS, 1999, p. 1-2)

³ Aqui o sentido de teatro *nonsense* como teatro do absurdo, onde os enredos são cíclicos ou absurdamente expansivos; com o uso da paródia ou desligamento da realidade, ou simplesmente sem sentido. (BERTHOLD, 2000, p. 521)

⁴ Quem sofre de monomania; S.f. Anomalia mental em que a inteligência e a afetividade são alteradas em uma só ordem de ideias ou de sentimentos; atividade dirigida para uma ideia fixa. No caso de QS, a escrita compulsiva. (MDLP. Silveira Bueno, p. 439, 1999)

⁵ Como o denominam e é referenciado por Marcelo Pereira em seu artigo *A Epiderme do Pensamento: arte e educação sob o ponto de vista trágico do primeiro Nietzsche*. (PEREIRA, 2009)

⁶ Como o próprio Nietzsche se referia sobre si: “Não sou um homem, sou um dinamite.” No sentido de evocar contra tudo o que era até então dado como verdade. (HELFERICH, 2006, p. 337)

Ficando posto que se Apolo é beleza, Dionísio é verdade. Para Nietzsche, a tragédia grega é uma síntese carregada de tensão entre esses dois princípios, o dionisíaco e o apolíneo. A vida se dá na tensão entre esses dois princípios. Acredita que precisamos de uma arte análoga a tragédia grega. Pois para ele, só a autêntica arte trágica pode apresentar o absurdo em experiências-limite da existência, como a morte e o amor. Só ela poderia consolar, como arte, jogo e aparência estética, do sofrimento inerente da existência. Por fim, deseja o renascimento de uma cultura trágica, usando como inspiração Schopenhauer e Richard Wagner. Sua primeira obra causou espanto a seus contemporâneos e a seu próprio professor Friedrich Wilhelm Ritschl, que disse ter Nietzsche sofrido de “delírio espiritual”, passava então a ser considerado intelectualmente excluído do meio acadêmico. (HELFERICH, 2006, p. 341)

Dois homens julgados como loucos, Qorpo-Santo e Nietzsche, mas que não passavam de extemporâneos insatisfeitos e inquietos, que transfiguraram a dor através da arte e da recriação da própria vida, pela vontade de viver e de se perpetuarem vivos e mais que atuais, atemporais em suas criações e pensamentos. É a quem venho apresentar, de forma mais detalhada em *Notícia Biográfica: Qorpo-Santo* e de maneira breve em *Notas Biográficas: Nietzsche*, a exemplo da estrutura e formatação usadas em *Miscelânea Curiosa*, livro organizado por Denise Espírito Santo e que traz em notícias e notas, a vida não linear de Qorpo-Santo (2003, p.17-23) passo-a-passo, para entrelaçar dados de outras obras e atuais, pesquisados por mim e tecer relações que suscitarão o embasamento ao longo dessa pesquisa.

1.2 NOTÍCIA BIOGRÁFICA: QORPO-SANTO

1829 – Nasce no dia 19 de abril às 11 horas (CESAR, 1980, p. 18) em Triunfo, no Rio Grande do Sul, à margem do Jacuí⁷, José Joaquim de Campos Leão, vulgo Qorpo-Santo⁸, “descendente de açorianos, era filho de Miguel José de Campos e de D. Joaquina Maria de Campos de Leão, o pai natural de Desterro, Santa Catarina, foi o primeiro professor público de Triunfo e a mãe natural de Triunfo era filha de Francisco Leão”, (MARISTANY, 2002, p. 24) estancieiro e dono de charqueada, homem de posses e prestígio. O neto, José Joaquim de

⁷ Rio que banha as cidades de Triunfo a esquerda e São Jerônimo a direita e que na época em que nasceu e viveu Qorpo-Santo, era de suma importância e alto fluxo de circulação e principal via de transporte da região do Baixo Jacuí.

⁸ Sobre o apelido que acrescentou ao nome, diz-nos ele próprio: "Se a palavra qorpo-santo foi-me infiltrada em tempo que vivi completamente separado do mundo das mulheres, posteriormente, pelo uso da mesma palavra hei sido impelido para esse mundo." - Enciclopédia, ou Seis Meses de Uma Enfermidade, Vol. H, p. 16. Como quer que seja, em homenagem ao seu esforço de precursor, ficou pelo menos uma lembrança de tal sistema ortográfico na grafia do seu apelido; seja ele para sempre, na sua glória de dramaturgo, o invulgar - Qorpo-Santo.

1839-1842 – Ao ter falecido o pai em episódio da Guerra dos Farrapos, em situação cruel e Triunfo estar em permanente estado de guerra, em meio ao abate de gado, de gente e de sanguinolentas batalhas, muitas ocorridas dentro da Vila de Triunfo, diversas famílias acabaram atravessando o rio para Freguesia Nova do passo do Triunfo, hoje São Jerônimo ou indo para mais longe. Foi o caso de Qorpo-Santo, que precocemente, aos onze anos de idade, parte com a mãe e irmãos para Santo Antônio da Patrulha, que na época, pertencia a Porto Alegre e onde a sua família tinha bens. O então, José Joaquim de Campos Leão, parte para estudar gramática nacional e trabalhar no comércio, conforme o mesmo, teve que aplicar-se ao que fosse mais lucrativo e rentável à família naquele momento, quando em 1842, entra para casa comercial de José Francisco dos Santos Pinto.

1845 – Termina a Guerra dos Farrapos e com ela dá-se a reabertura da Imigração Alemã no Rio Grande do Sul - donde vem as possíveis informações e influências sobre o anarquismo e comunismo que aparecem na obra de Qorpo-Santo mais tarde.

1847 – Após quatro anos viajando pela campanha, em cobranças e a trabalho para Belarmino Peixoto de Oliveira e estabelecido em Cachoeira, volta a Santo Antônio da Patrulha por causa da grave doença da irmã Maria Augusta de Campos Leão, onde rege a cadeira pública do 3º distrito desta cidade.

1850 – Habilita-se para o magistério público, exercendo o cargo de professor de primeiras letras até 1855, na mesma cidade, deixando-o para amparar a mãe que se encontrava doente e que prováveis vestígios levam-nos a crer ter falecido nesse mesmo ano e não por acaso, se casa na então província de São Pedro do Sul, com D. Inácia de Campos Leão. Também, nesse meio tempo, esteve em andanças pela sua terra natal e em plena lucidez, ainda fazendo uso de sua sanidade e de seu prestígio, serve de testemunha em inventário da família Aviz de Menezes, deixando evidente, as idas e vindas de Qorpo-Santo, a região e seu convívio com as famílias do Baixo Jacuí, em especial, com a família Menezes.

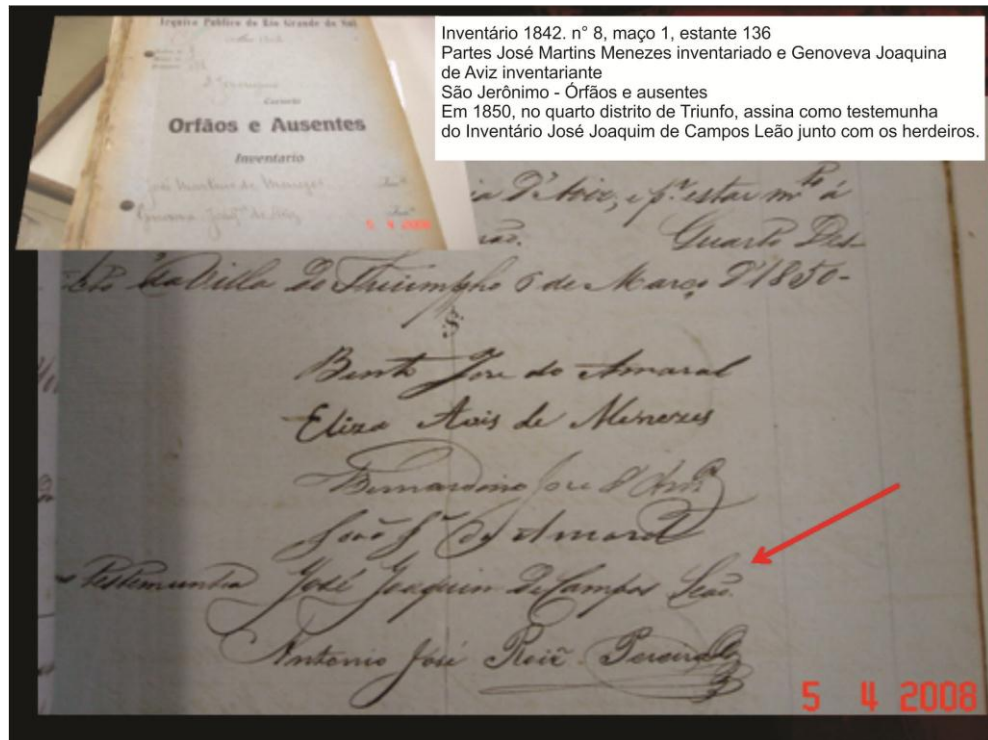


Figura 3 – Assinatura inédita de Qorpo-Santo no inventário da família Aviz de Menezes, em Triunfo, 1850
Fonte: adaptado do Power Point QORPO-SANTO À LUZ DO TRÁGICO EM NIETZSCHE, Cida Dias, dez/2012.

1851 – “Adquire o grau de Mestre. Funda um Grupo Dramático em conjunto com o tabelião José Cândido de Campos, João Maçaneta, este último mestre de obras, Venâncio José Monteiro e Eleutério José Ferreira Mendes, o jornalista patrulheiro da Revolução Farroupilha.” (SANTO, 2003, p. 20)

1852 – Escreve para jornais da Província e de Alegrete, bem como, vai lecionar em alguns colégios dessas mesmas cidades.

1853- 1857 - Funda junto com Francisco Polly o Colégio São João, em Porto Alegre, durante o surto de cólera *morbis*. No ano seguinte, contagiado por moléstia no peito, vai morar em Alegrete, onde funda o Colégio Primário e Secundário Alegretense, deixando claro, seus ousados propósitos, seu apreço e preocupação com a educação.

1859 – Assume o posto de subdelegado em Alegrete.

1860-1862 – É eleito vereador da Câmara Municipal da mesma cidade.

1861 - Por moléstia de pessoas da família [...] regressa a Província, época em que atos violentos do qual se disse vítima, ocorreram.

1862 – Iniciam-se as primeiras manifestações da doença mental, diagnosticada como monomania e as perseguições as suas ideias. Sua esposa, D. Inácia de Campos Leão viria solicitar ao juiz de órfãos daquela cidade pela interdição judicial de seus bens. Qorpo-Santo

foi avaliado por dois peritos da Província, os médicos Roberto Landell e Joaquim Pedro Soares, que divergem quanto ao diagnóstico final sobre sua insanidade mental. (SANTO, 2003, p. 20)

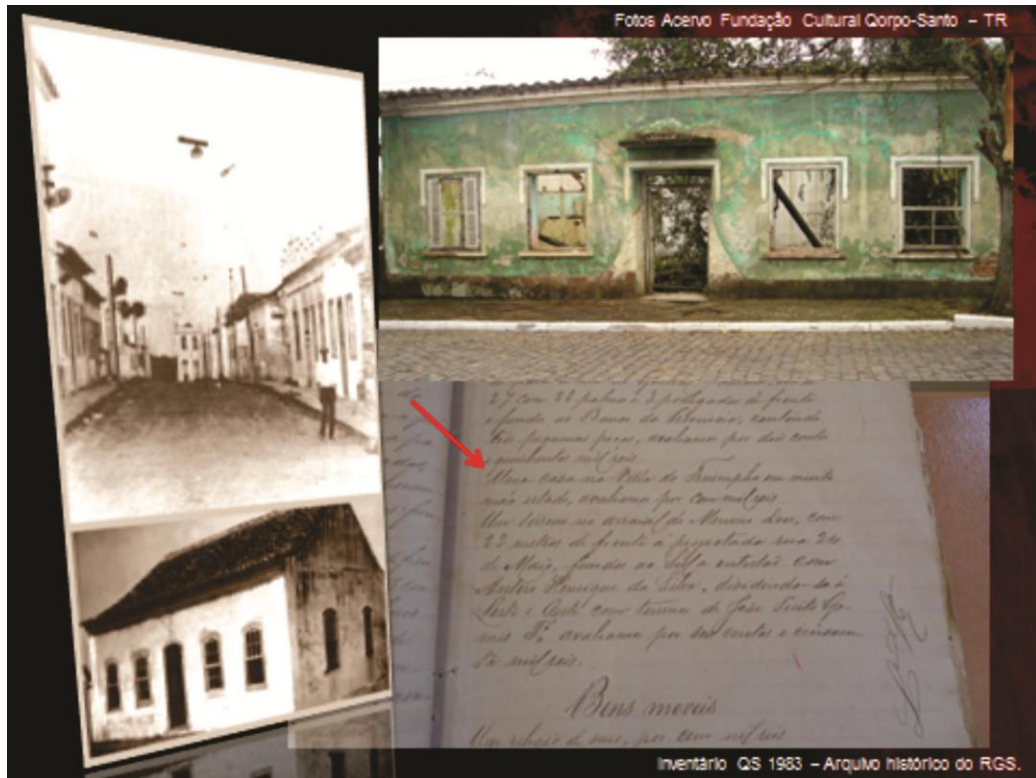


Figura 4 – Casarios de Triunfo e casa de Qorpo-Santo no século XIX, casa atual de Qorpo-Santo em ruínas
Fonte: Acervo Fundação Cultural Qorpo-Santo

1863 – Em 1º de Janeiro, desprovido de recursos, diz em sua autobiografia, que o levaram à vila de Triunfo, já que era alvo de chacotas, deboches e excluído pelos “cães da província”¹⁰ como o louco do guaíba. Relatando em sua autobiografia: “Foi exatamente quando começaram tais atos violentos que eu comecei a tomar notas para nesta data escrever a *Enciclopédia*.” (CESAR, 1980, p. 17)

1864 – Assume seu apelido como codinome e acredita estar destinado a uma missão especial e no mesmo ano

[...] sai o primeiro relatório oficial sobre os distúrbios mentais que supostamente sofria. Em janeiro do ano seguinte, mais uma trágica perda, morre sua filha Décia Maria de Campos Leão. Já separado, em 1866, Qorpo-Santo, toma

¹⁰ No livro *Cães da Província*, obra de Luís Antônio de Assis Brasil, a denúncia é feita constantemente, mostrando a mediocridade de espírito da sociedade que é, facilmente, igualada a um cão, os “cães da província”. Isto porque essa população é, realmente, domada e obediente às normas e costumes impostos pela época. (1988) Coisas que Qorpo-Santo denuncia e repele em sua obra e que por isso foi dado como o “louco da província ou do guaíba”.

ciência de que suas filhas Idalina, Lydia e Plínia, viviam sob a guarda da mãe na Vila de São Jerônimo, em companhia de irmãos menores. (SANTO, 2003, p. 24)

1866 – Escreve compulsivamente sua obra teatral, de fevereiro até junho deste mesmo ano, intitulada *Enciclopédia, ou Seis Meses de uma Enfermidade*¹¹ e nos deixa como herança uma extensa obra, que como nos coloca Denise Espírito Santo brinca o tempo todo com as palavras e com a gramática. (SANTO, 2003, p. 25) Além disso, Qorpo-Santo escreveu textos teatrais que estão carregados de suas teses sociais, críticas e deboches aos costumes e instituições da época em que viveu, com seu toque cômico, que por vezes “mais parece trágico”, como ele próprio se refere ao final da escritura da peça; *Eu Sou Vida; Eu Não Sou Morte*.

1868 – Parte para o Rio de Janeiro e interna-se no hospício de Pedro II e de lá vem apto a gozar de seu livre arbítrio atestado pelo Dr. João Vicente Torres Homem e que, em seu relatório coloca o quão nocivo era sim, o julgamento ao qual padecia e o quanto seu afastamento do trabalho, da família e posse de seus bens e a privação de sua plena liberdade o tornava em pior estado emocional e afetava sua sanidade mental. Mas, nem assim obteve diante da família e da comunidade em que vivia, o atestado e a aceitação de sua sanidade mental, nem sua liberdade, ficando até o seu fim estigmatizado como o “louco do guaíba ou da província.”

1869-1871 – Redige em Porto Alegre e conseqüentemente, em Alegrete o jornal – A Justiça: por alguns meses, ainda, ousou em tentar reformar e lançar um novo sistema ortográfico escreveu muitos poemas, aforismos, charadas e outras obras com ou sem caráter autobiográfico.

1877- Funda sua própria Tipografia, à Rua General Câmara, o qual proprietário “requereu a respectiva autorização alegando que tal oficina se destinava a “imprimir obras de sua autoria”. Concebera, de certo, planos editoriais ambiciosos.” Na mesma época, “dominado por sérios distúrbios mentais, não escondia seus pensamentos e atos, [...] desnudando-se psicologicamente.” (CESAR, 1980, p. 59)

¹¹ São as seguintes e datam de: Fevereiro de 1866, dia 12 – A Impossibilidade da Santificação ou A Santificação Transformada; dia 16 - O Marinheiro Escritor; dia 24 - Dous Irmãos. Maio de 1866, dia 5 - Duas Páginas em Branco; dia 12 - Mateus e Mateusa; dia 14 - As Relações Naturais; dia 15 - Hoje Sou Um; e Amanhã Outro; dia 16 - Eu Sou Vida; Eu Não Sou Morte; dia 18 - A Separação de Dois Esposos; dia 24 - O Marido Estremoso ou O Pai Cuidadoso; dias 26/27 - Um Credor da Fazenda Nacional. Junho de 1866, dia 6 - Um Assovio; dia 10 - Certa Entidade em Busca de Outra; dia 10 - Lanterna de Fogo e dia 16 - Um Parto. Dos nove livros da Enciclopédia de QS, dois ainda, encontram-se desaparecidos. (CESAR. 1980, p. 61 e 62)

1883- Cansado e doente, vem a falecer de tuberculose, em porto Alegre, no dia 1º de maio, aos 54 anos. Deixa muitos bens conforme inventário, dentre eles, uma casa à Rua General Câmara nº 29, que pertenceu a D. Senhorinha Cambraia de Menezes (minha tetravó materna) e outra à Rua Demétrio Ribeiro, na Vila do Triunfo, que existe em ruínas até hoje. E, como herdeiros: D. Inácia Maria de Campos Leão; as filhas, Idalina, Lydia, Plínia; os filhos, Tales e os genros, Albino Monteiro casado com Lydia e José Rousselet Filho com Plínia.

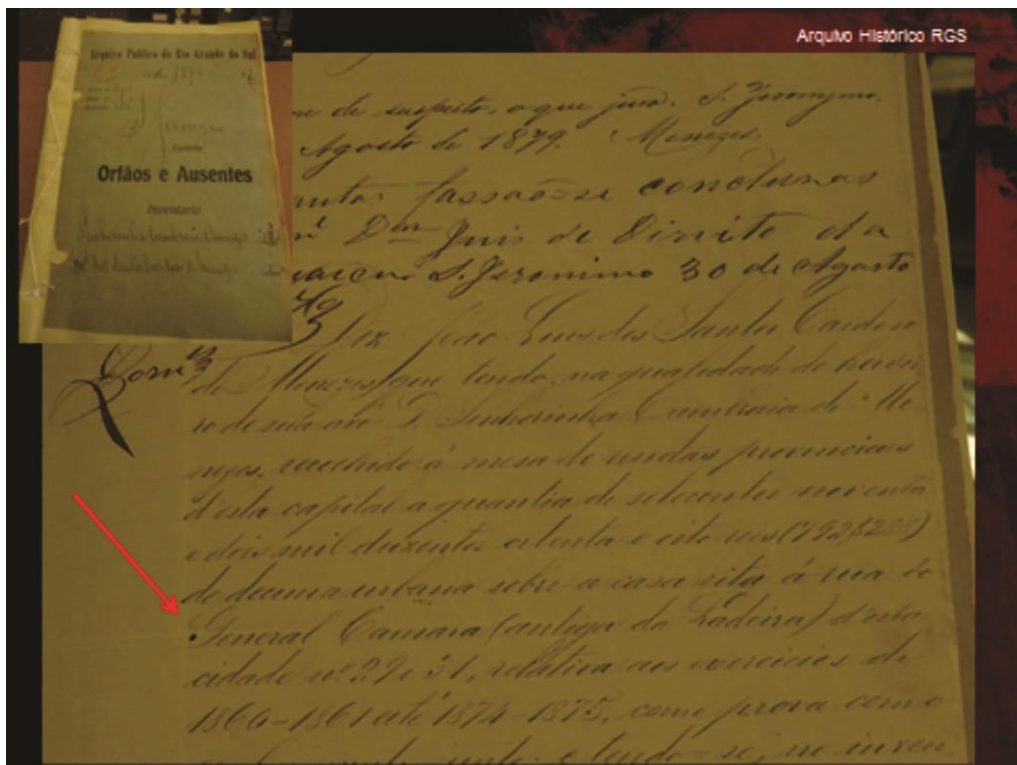


Figura 5 - Fragmento do inventário de D. Senhorinha de Menezes, 1873, onde consta que possuía o imóvel na Rua General Câmara, nº 29/Arquivo histórico RGS

Fonte: adaptado do Power Point QORPO-SANTO À LUZ DO TRÁGICO EM NIETZSCHE, Cida Dias, dez/2012.

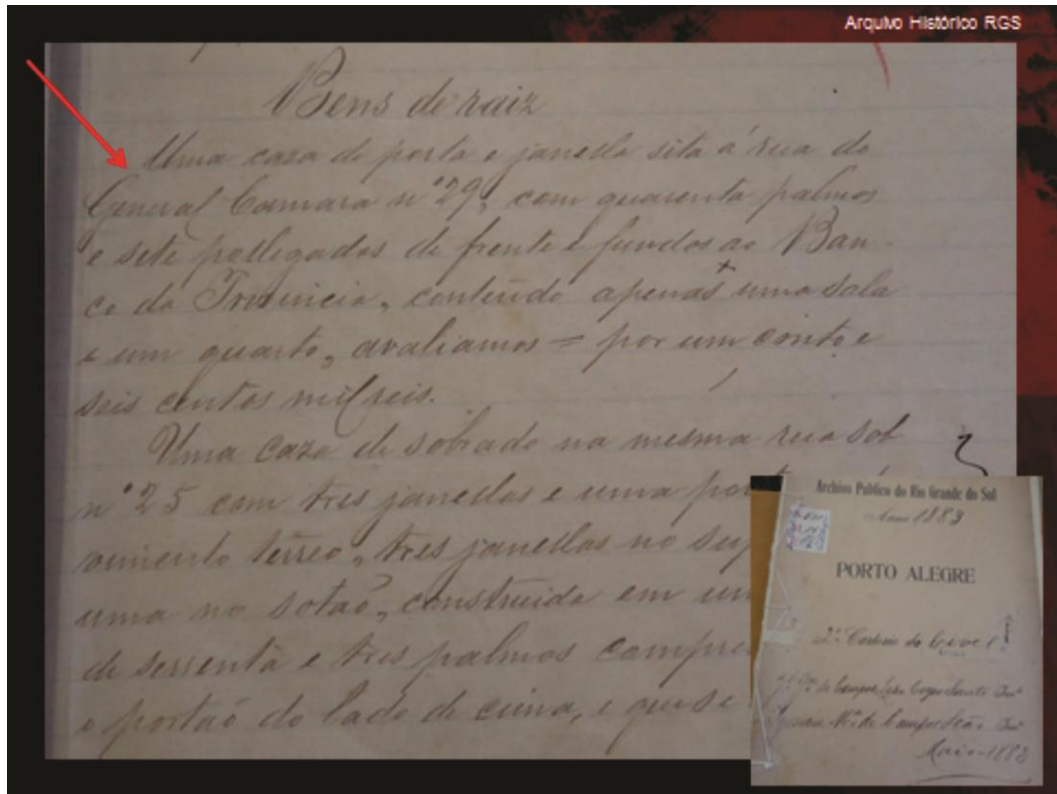


Figura 6 - Fragmento do inventário de Qorpo-Santo, 1883, onde consta que possuía o mesmo imóvel de D. Senhorinha na Rua General Câmara, nº 29/Arquivo histórico RGS
 Fonte: adaptado do Power Point QORPO-SANTO À LUZ DO TRÁGICO EM NIETZSCHE, Cida Dias, dez/2012.

1924 – Roque Callage, jornalista gaúcho escreve sobre Qorpo-Santo na ocasião em que o poeta modernista Guilherme de Almeida visita Porto Alegre para uma série e leitura de seus poemas. Traz a público pela primeira vez, algumas de suas composições com o objetivo de reivindicar o posto de artista futurista para o gaúcho Qorpo-Santo.

1955 – Por conta do Movimento Modernista, Qorpo-Santo vem à tona e Olyntho Sanmartin começa a estudar com seriedade sua poesia.

1962 – Guilhermino Cesar, historiador mineiro radicado no RGS, sugere a Fausto Fuser e Lúcia Melo, então professores do Curso de Arte Dramática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a encenação de algumas pequenas peças de Qorpo-Santo, que o havia fascinado.

1966 – Cem anos após terem sido escritas, as três peças que Fuser havia mandado copiar para os arquivos do CAD, viriam a ser representadas, pela primeira vez, no Clube de Cultura de Porto alegre, sob a direção de Antônio Carlos Sena: *As Relações Naturais; Mateus e Mateusa* e *Eu Sou Vida; Eu Não Sou Morte*. (Anexo A) As duas últimas, Sena levou para o Rio de Janeiro em 1968, durante o V Festival do Estudante.

1968 – Qorpo-Santo se torna célebre, a partir da temporada no Rio de Janeiro e graças às sucessivas críticas de Yan Mishalski que, anunciava a descoberta de um escritor brasileiro, que teria sido o precursor do teatro do absurdo, destacando a originalidade de tal escritor.

1969 – Primeira edição do teatro de Qorpo-Santo organizada por Guilhermino Cesar para o Serviço Nacional de Teatro, descobrindo tais textos que foram fornecidos por Aníbal Damasceno Ferreira verdadeiro responsável pela revelação de Qorpo-Santo a todos nós. (SANTO, 2003, p. 22)

1.3 NOTAS BIOGRÁFICAS SOBRE NIETZSCHE



Figura 7 – Observando a ordem, casa onde Nietzsche nasceu, passou a adolescência e faleceu.
Fonte: adaptado do Power Point QORPO-SANTO À LUZ DO TRÁGICO EM NIETZSCHE, Cida Dias, dez/2012.

1844 - Nasce a 15 de outubro em Rocken, Alemanha, Friedrich Wilhelm Nietzsche, provém tanto por parte de pai quanto de mãe, do meio cultural de pastores protestantes alemães. Em pleno clima da Revolução Operária na Alemanha e da Revolução Industrial na Europa.

1849- Falece o pai e o irmão e sua família muda-se para Naumburg. Aluno exemplar, desde pequeno mostrava uma força de vontade inquebrantável e como o próprio escreveu, “ele quase não foi criança”.

1858 - Aos catorze anos vai para Schulpforta. Nessa tradicional escola estadual, onde se acordava às 4 horas da manhã para estudar, tornou-se íntimo da cultura de sua época e de escritores e filósofos clássicos. Era um excelente aluno de grego, latim, alemão e de estudos bíblicos.

1864 - Estuda em Bonn filosofia e teologia, mas por influência do Professor Friedrich Wilhelm Ritschl, resolve dedicar-se a filologia.

1865 – Abandona os estudos teológicos e acompanha seu professor até Leipzig.

1867 – É chamado para prestar o serviço militar, mas um acidente em um exercício de montaria livrou-o dessa obrigação. Passa então, a dedicar-se totalmente aos estudos. Data dessa época o seu relacionamento com o compositor Richard Wagner.

1869 - É nomeado Professor de Filologia e Filosofia Clássica na Basileia, onde permaneceu por cerca de dez anos. Foi atraído para a filosofia pela obra de Schopenhauer.

1870 - A Alemanha entra na guerra contra a França e Nietzsche serve no exército como enfermeiro, mas devido a problemas de difteria e disenteria, foi dispensado. Esta doença parece ter sido a razão das terríveis dores de cabeça e de estômago que o acompanharam por toda a vida.

1872 – Lança sua primeira obra *O Nascimento da Tragédia* que, causou grande sensação. A obra não era de modo algum “contemporânea”; para maior parte de seus colegas especialistas a obra era “extemporânea” e Nietzsche estaria morto intelectualmente, diante de tamanho delírio espirituoso e ousadia, em interpretar a cultura grega numa concepção completamente nova.

1876 - Rompe com Wagner, a quem acusa de corromper a música com toda a expressão religiosa de decadência.

1879 - Pede dispensa do seu cargo de professor, diante dos problemas de saúde que estava enfrentando. Passa, então, a levar uma vida itinerante entre a França, Suíça e a Itália. Escreve muito, sendo dessa época o seu estilo de crítica violenta à igreja e aos valores cristãos.

1889 – Sofre um colapso em Turim que segundo relatos, Nietzsche agarrou-se ao pescoço de um pobre cavalo, que era maltratado pelo cocheiro e o abraçou vigorosamente. Depois enviou a amigos os chamados “bilhetes da fase de desvario”, breves cartas assinadas como “Dionísio” ou o “Crucificado”. (HELPERICH, 2006, p. 339) Deixa até então,

suas principais obras¹² para embalar “espíritos livres”, “martelar” as mentes contemporâneas e dizer “sim a vida”.

1890 – Internado em uma clínica para doentes nervosos na Basiléia e abalado pela loucura, passa a morar com a mãe até 1897 e sua irmã, Elizabeth Forster, que cuida dele até a morte em 25 de agosto de 1900.

1.4 RELAÇÕES EXTEMPORÂNEAS

O que dá para verificar entre tão célebres autores, além de serem contemporâneos e extemporâneos, viverem no mesmo século e terem instigantes e inquietas personalidades, é que ambos parecem escrever para o futuro, já que os mesmos, ainda hoje, ainda pouco conhecidos e estudados, são atemporais e mais do que atuais. Um dos grandes motivos desse estudo, com todo o cuidado que requerem tais autores, não para que continuem sendo descobertos em época vindoura, mas agora, é de divulgar, mais e mais, seus pensamentos e criações. O intuito é de trazê-los a contemporaneidade de forma viva e espontânea, com leveza e naturalidade, pois me parece que, quando tocamos em seus nomes, por si só, há um desconforto, um peso, um preconceito que não podemos mais admitir, já que falam de coisas tão próximas a nós humanos e igualmente relevantes para reflexão científica e para nossa prática de vida, não podendo mais permitir qualquer tipo de exclusão a eles e ao que criaram.

Vamos ter entre as duas personalidades outras afinidades, trágicas eu diria, como a presença constante da morte, das doenças, das guerras e da loucura. Ambos perderam o pai muito cedo e tiveram que sair do lugar onde nasceram, rompendo de certa forma com os laços de identidade e com suas raízes, tendo outras perdas e mortes familiares em suas infâncias, adolescências e vida. A guerra, foi companheira de Qorpo-Santo e muito bem retratada em sua autobiografia, assim como, em seus aforismos, poemas e peças teatrais, onde conta algumas dessas passagens da trágica Epopeia Farroupilha; já Nietzsche, nasce no berço da Revolução Operária na Alemanha e igualmente convive lado a lado com outras guerras. Outra peculiaridade e estigma afins é a loucura, que na vida de Qorpo-Santo, tanto quanto na de Nietzsche, vai se manifestar já na vida adulta, mas que de algum modo, supõe-se por algumas deixas em suas biografias ou obras, já se mostrara desde cedo. Em ambos o modo de pensar e

¹² O Nascimento da Tragédia – 1872; A Filosofia na Idade Trágica dos Gregos – 1873; Considerações Intempestivas-1876; Schopenhauer como Educador- 1874; Humano, demasiado Humano, um livro para Espíritos Livres-1878; O Andarilho e sua Sombra – 1879; Aurora – 1881; A Gaia Ciência – 1882; Assim falou Zaratustra -1883-85 ; Para Além do Bem e Mal -1886; Genealogia da Moral-1887; O Caso Wagner -1888; Crepúsculo dos Ídolos- 1888; Ecce Homo – 1888; O Anticristo- 1888 e Ditirambos Dionisíacos e Fragmentos Finais suas obras póstumas.

a forma de expressar esse pensamento é não linear, através de poesias, poemas, aforismos, notas, fragmentos, etc. Que de certa forma, tratam do absurdo ao que o humano chegara, da sua existência na modernidade e da vida como tema central. Eles escrevem para o futuro, essa é a sensação que me passam, quando por acaso ou intencionalmente me aproximo deles, principalmente quando se lançam através de suas falas ao futuro, já que, não eram entendidos, pelo meio social da época e não são por muitos, até os dias de hoje.

A solidão e o escárnio que ambos sofreram em vida diferem, no sentido que, Qorpo-Santo ficou afastado e foi duramente rejeitado pelos seus familiares, ao contrário de Nietzsche, que foi amparado e cuidado pela mãe e irmã, talvez aqui, as culturas da época tenham pesado um pouquinho ou o “bufão”¹³ teve mais sorte que o “Conde de Triunfo”¹⁴. Portanto, o que fica posto, é que a dor e a loucura se transformaram em criação viva, se transfiguraram e, quem sabe tenham feito toda a diferença em suas obras, mostrando através das mesmas a “volúpia do gênio criador”. (CESAR, 1980, p. 45)

Dois gênios, demasiadamente humanos, contemporâneos-extemporâneos, pensadores, artistas, professores ou entusiastas dionisíacos, no sentido de dizerem sim à vida, mesmo diante de tamanhas dores e desafios, foram tecidos pelo sofrimento, dor, loucura e transfiguração. São muitas as afinidades e relações a serem tecidas entre esses extemporâneos, porém, o que nos cabe aqui no momento, é o entendimento através da tessitura da trama entre Qorpo-Santo, Nietzsche, Tragédia, Arte e Filosofia.

E é para essa direção que iremos, em busca da origem da obra de arte e do artista, na possibilidade de haver um traço trágico na obra de Qorpo-Santo *Eu Sou Vida; Eu Não Sou Morte*, portanto, confio não haver ninguém melhor do que o extemporâneo Nietzsche para dar luz a essa questão, através da sua concepção de Tragédia Clássica, que tão bem expõe, em sua primeira obra *O Nascimento da Tragédia* numa interpretação inovadora e ousada da cultura grega e da origem da arte, através de seus conceitos fundantes, no qual veremos expostos no passo seguinte dessa urdidura.

¹³ Era como Nietzsche, algumas vezes se dizia: “Não quero ser santo; preferia ser bufão [...] Talvez eu seja um bufão [...]”. (HELFERICH, 2006, p. 337)

¹⁴ Conde de Triunfo era outro apelido ao qual Qorpo-Santo, também, se intitulava. (CESAR, 1980, p. 54)

2 O TRÁGICO EM NIETZSCHE

2.1 O NASCIMENTO DA TRAGÉDIA: APOLO E DIONÍSIO

Em *O Nascimento da Tragédia*, Nietzsche postula que o nascimento da mesma se dá “a partir do espírito da música”. E, mais do que isto, de forma inquietante e nunca vista até então, sobre a arte trágica, indaga:

_ Da música? Música e tragédia? Gregos e música de tragédia? Gregos e obra de arte do pessimismo? A mais bem-sucedida, a mais bela, a mais invejada espécie de gente até agora, a que mais seduziu para o viver, os gregos – como? Precisamente eles tiveram necessidade da tragédia? Mais ainda da - arte? Para que – arte grega? (NIETZSCHE, 2007, p. 11)

No meu ver, são interrogações que devemos considerar para dar conta dos conceitos fundamentais defendidos por Nietzsche em sua obra primeira. A outra grande questão, o problema de que enquanto não tivermos resposta, não podemos imaginar ou conhecer os gregos, é: “O que é dionisíaco?” Acerca dessa questão psicológica tão difícil, fica claro o quão “fundamental é a relação dos gregos com a dor, seu grau de sensibilidade”[...] que fez o mais forte *anseio de beleza* brotar da carência, da privação, da melancolia e da dor. (2007, p. 15) Ficando posto que a grande obra de arte grega se origina do anseio de um povo por sublimar sua própria dor e em lidar com maestria com a tensão entre os dois princípios opostos do Dionisíaco e Apolíneo, geradores da harmonia de tamanha criação humana.

De acordo com Nietzsche e conforme Marcelo Pereira, a tragédia clássica consiste numa espécie de prolongamento dos cortejos em louvor ao deus Dionísio. (PEREIRA, 2009, p. 91)

Dionísio o deus do êxtase e da música, da transgressão e embriaguez, da entrega de si à dança, pelo sentimento de estar ligado, unido a outros homens e à natureza. Apolo o deus divinatório, que se apresenta em escultura representando o homem belo e harmonioso, aquele que personifica o princípio individual e delimita seu ambiente. (HELFERIC, 2006, p. 340) Dionísio o transgressor e Apolo o conservador, o primeiro flutua na embriaguez o segundo em seus poderes configuradores e ordenadores.

Mas, afinal o que é mesmo dionisíaco, senão o “anseio do feio”, à vontade para o pessimismo e para o mito trágico e para tudo o quanto há de terrível, enigmático, fatídico na existência? E, falando nisso, o prazer, a força e a vontade? “E que significado tem então, fisiologicamente falando, aquela loucura de onde brotou a arte trágica assim como a cômica, a

loucura dionisíaca?” [...] A loucura não será como Nietzsche questiona, o sintoma da degeneração de uma cultura tardia? E da juventude de um povo? Um povo como os gregos que estava de vida em arrebatamentos endêmicos? Onde as alucinações se comunicavam a assembleias culturais inteiras? E se em meio à riqueza de sua juventude, tivessem eles, à vontade ao trágico e ao pessimismo? E se fosse à loucura [...] que tivesse trazido as maiores bênçãos sobre a Helade? (NIETZSCHE, 2007, p. 15)

Muitas são as indagações acerca da origem da Tragédia, mas sabemos terem os gregos, vivenciado intensamente essa experiência e a teriam elaborado religiosa e eticamente nos cultos dos mistérios e nas festividades bacanais dedicadas ao deus Dionísio. Nos festivais em sua honra, o elemento orgiástico, era domado e transfigurado, sob o influxo de Apolo, em rituais primaveris onde se dava a reconciliação do filho rebelde com a mãe natureza. (BENCHIMOL, 2002, p. 14 e 15)

Cabe dizer, portanto, que *O Nascimento da Tragédia*, se dá simultaneamente no entrelaçamento entre a música e as artes representativas e mais, na relação do pessimismo e da justificação da existência. Também, de um pacto entre a sabedoria aniquiladora do dionisíaco e o maravilhoso poder de figuração plástica de apolíneo. (BENCHIMOL, 2002, p. 21) Esses impulsos caminham lado a lado para Nietzsche, que na maioria das vezes estão em contraposição e discórdia aberta:

[...] incitando-se mutuamente a produções sempre novas, para perpetuar nelas a luta daquela contraposição sobre a qual a palavra comum “arte” lançava apenas aparentemente a ponte; até que, por fim, através de um miraculoso ato metafísico da “vontade” helênica, aparecem emparelhados um com o outro, e nesse emparelhamento tanto a obra de arte dionisíaca quanto a apolínea geraram a tragédia ática. (NIETZSCHE, 2007, p. 24)

Para continuar entendendo o que traduz a obra de arte grega em *O Nascimento da Tragédia*, precisamos dar conta de outros conceitos fundamentais que tecem a trama da obra primeira do jovem Nietzsche. Obra essa que ele não hesitou em mostrar a que veio e que, como uma “dinamite”, destruiu bombasticamente conceitos e convenções impregnadas na cultura ocidental.

2.2 A EMBRIAGUEZ, A MÚSICA E O DITIRAMBO - DIONISÍACOS

2.2.1 Da Embriaguez Dionisiaca

A tragédia diz Marcelo Pereira, plasmaria para Nietzsche num estado estético, postulando, que seu vetor de análise se deu no enlace da violência com a beleza, fundando a partir daí, seu marco estético. Afirmando, que o segredo da beleza grega para Nietzsche (1999, p. 36), está justamente no equilíbrio entre a sobriedade e a embriaguez, esse último, conceito a qual nos ocuparemos nesse momento.

A “embriaguez”, segundo Nietzsche, “ascende do fundo mais íntimo do homem” e “da natureza”, do olhar “à essência do *dionisiaco*” através da sua analogia.

Ainda, diz:

[...] Seja por influência da beberagem narcótica, da qual todos os povos e homens primitivos falam s em seus hinos, ou com a poderosa aproximação da primavera a impregnar toda a natureza de alegria, despertam aqueles transportes dionisiacos, por cuja intensificação o subjetivo se esvanece em completo auto esquecimento. [...] (NIETZSCHE, apud PEREIRA, 2009, p.94)

Continua, afirmando, que “sob o plano da filosofia nietzschiana a embriaguez seria aquele estado em que terna e suavemente o indivíduo humano se aproxima das coisas, dos objetos – a despeito da bruta sobriedade da racionalidade moderna.” Com isso quer dizer, que tal embriaguez não é aquela no sentido frouxo do termo, pelo contrário, coloca a embriaguez produzida como êxtase, aquela que faria o indivíduo ultrapassar a medida de sua individuação e não uma simples queda das inibições. “A embriaguez em Nietzsche abrange, na verdade, várias possibilidades de estado: é uma hiper-capacidade [...] daquilo que permite potencializar a sensibilidade [...] de restaurar uma ordem originária de conjunção do humano [...] com o todo.” (PEREIRA, 2009, p. 95)

Assim vive o entusiasta dionisiaco, cantando e dançando, em completo estado de entrega de si e embriaguez.

Para Nietzsche, a “vontade” potencializada, por ele nomeada de *embriaguez*, é o motor que tece todo o esforço de criação. Por trás da atividade artística, temos sempre uma espécie de, um "eu sou" que excede os limites da consciência e faz de seu júbilo a sua expressão. Ao gerar o princípio desta estética que tem na relação entre a arte e a vontade seu problema central. Arte e vida se encontram porque o trabalho de simbolização das formas artísticas é uma experiência ética, de afirmação e exaltação da existência.

Assim, em meu entendimento e de forma breve, o homem se torna um só em unísono com a natureza, não mais é artista ele tornou-se obra de arte, pois “revela-se aqui sob o frêmito da embriaguez.” (NIETZSCHE, 2007, p.28) A embriaguez promete embriaguez. O "consolo metafísico" é o efeito da tragédia: a certeza imediata "de que a vida, no fundo das coisas, apesar de toda mudança das aparências fenomenais, é indestrutivelmente poderosa e cheia de alegria".

2.2.2 Da Música Dionisíaca

Para Nietzsche, num primeiro momento, os gregos não conheciam a verdadeira música: a “música dionisíaca”; eles conheciam somente a música tocada por *aedos* que recitavam os poemas de Homero acompanhados pela cítara, a “música apolínea”. Uma música que foi qualificada como tal por imprecisão de linguagem, já que manejava apenas as forças plásticas e arquiteturas do som: "enquanto batida ondulante do ritmo" recortava figuras no tempo. Nos festivais gregos se manifestavam de repente sons dolorosos, que da mais elevada alegria soava o grito de lamento por uma perda irreparável. “A música dionisíaca, em particular excitava espantos e pavores.” Enquanto, “A música de Apolo era arquitetura dórica em sons” (NIETZSCHE, 2007, p. 31) para o jovem autor de *O Nascimento da Tragédia*, só mais tarde surge na Grécia a música propriamente dita, a dionisíaca, que é expressão direta do querer, do prazer e da dor, daquilo que há de metafísico no mundo físico. Caracterizada pela "comovedora violência do som", pela "torrente unitária da melodia e o mundo absolutamente incomparável da harmonia", esta música, então tocada principalmente pela flauta, era capaz de incitar o homem à máxima intensificação de suas capacidades simbólicas. Somente a música permite a conexão com o único verdadeiro criador do mundo da arte: a eterna vontade. É por isso que, diferente das artes figurativas, a música, em sua incomensurabilidade, não se deixa medir segundo a categoria de beleza.

Na “canção popular” (*Volkslied*), Nietzsche também verifica a união da imagem e da música, ou seja, do elemento apolíneo e do dionisíaco. Ela é música e letra: enquanto espelho musical do mundo, a canção popular é "melodia primigênia" que se exprime em poesia. Mas, para Nietzsche, a melodia é sempre primeira, mais importante e universal, pois a palavra não pode ser mais importante do que ela. Essa é a única relação possível entre poesia e música, palavra e som. Um dos temas principais que atravessa a obra primeira de Nietzsche é o da supremacia expressiva da música em detrimento da significação sempre limitada das palavras.

Nietzsche está convicto de que é impossível com a linguagem alcançar por completo o "simbolismo universal da música".

Para adentrar no verdadeiro "labirinto" que a emergência da tragédia ática revela ser, Nietzsche emprega o mesmo argumento dado tanto para a poesia lírica quanto para a canção popular: a origem da tragédia está no espírito da música. No drama trágico, a música é primária, e o diálogo é secundário. Como obra de arte apolíneo-dionisíaca, a tragédia reúne sonho e embriaguez, luz e sombra, aparência e essência, imagem e música. A tragédia nasceu da música, do canto em louvor a Dionísio, entoado por um grupo de pessoas que percorrendo florestas faziam-se passar por sátiros, seres naturais-fictícios, homens com pés de capro e pequenos chifres. Esse coro de sátiros, conjunto de seres transformados, ao mesmo tempo atores e expectadores, via desenrolar diante de si um espetáculo visível apenas para aqueles que participavam da excitação dionisíaca. Apenas posteriormente a tragédia passou a apresentar-se em um teatro. (PEREIRA, 2009, p. 96)

O fenômeno de possessão provocado pela música, a embriaguez, é a condição e o princípio da arte dramática. Porque, acredita Nietzsche, ela suscita o despojamento da civilização e a participação da realidade primordial, anterior à individuação. É nesta última que penetram os sátiros. Cantando e dançando, eles anulam o eu humano e se transformam em autênticos seres naturais. Com a música, a vontade, o íntimo da natureza, encontrava sua expressão corporal completa, na mímica, na dança e no canto cultural em honra a Dionísio, o "ditirambo dionisíaco".

2.2.3 O Ditirambo Dionisíaco

Marcelo Pereira esclarece, que:

No *ditirambo dionisíaco* (poema lírico, hino a Dionísio) manifesta-se em sua máxima potência o espírito, como encerrado numa suspensão lúdica – por uma espécie de torção semântica podemos derivar *ludo*(jogo), *lírica*, *lied*(luto). Enfim, música e palavra. (NIETZSCHE, 1999, p. 50-51, apud PEREIRA, 2009, p. 93)

Para ele, a palavra é em Nietzsche interação que se consolida por conta de sua intensidade, sua melodia e musicalidade. Sendo o ritmo um problema, pois ele funda a sensibilidade do pensamento, revelando o valor estético que forja o mesmo.

Para Nietzsche:

No ditirambo dionisíaco o homem é incitado à máxima intensificação de todas as suas capacidades simbólicas, algo jamais experimentado empenha-se em exteriorizar-se, a destruição do véu de Maia, o ser uno enquanto gênio da espécie,

sim, da natureza. [...] a essência da natureza. [...] deve expressar-se por via simbólica; um novo mundo de símbolos[...] todo o simbolismo corporal, todos os gestos bailantes dos membros em movimentos rítmicos. Então crescem as outras forças simbólicas, da música[...] na rítmica, na dinâmica e na harmonia. [...] o homem já deve ter arribado ao nível de desprendimento de si próprio que deseja experimentar-se simbolicamente naquelas forças: o servidor ditirâmico de Dionísio só é portanto entendido por seus iguais. (NIETZSCHE, 2007, p. 31-32)

Nesse sentido, esse povo dionisíaco, regido por Arion que orientou a via poética desses cultos populares gregos, se entregou a serviço de Dionísio e se organizou em cortejo, ou seja, em ditirambos dionisíacos, onde os bodes dançarinos dos coros de sátiros eram mimeticamente acompanhados em sua forma de arte que, originada na poesia, incorporou o canto e a dança e que forjou a própria tragédia ática. (BERTHOLD, 2000, p. 104)

2.3 A ORIGEM DA OBRA DE ARTE, O ARTISTA INGÊNUO E O GÊNIO

Para Nietzsche em *O Nascimento da Tragédia*, a obra de arte grega se funda e origina a partir da união e equilíbrio entre os espíritos: dionisíaco e apolíneo. Marcelo Pereira nos diz que, de “acordo com Nietzsche (1999), a tragédia consiste numa espécie de prolongamento dos cortejos em louvor ao deus Dionísio.” Como acabamos de citar acima, quando falávamos sobre o ditirambo dionisíaco, no entanto, Pereira prossegue dizendo, que isto se dá, na “exaltação de um deus que livra o indivíduo humano do peso da sociabilidade. Dionísio é, por certo, uma válvula de escape da coercitividade social.” (PEREIRA, 2009, p. 91)

Se o contínuo desenvolvimento da arte está ligado a tal duplicidade do apolíneo e do dionisíaco, em que luta infinita então se dá as reconciliações? Para os gregos em sua visão tudo acontecia em seu mundo dos deuses. Sendo assim, para seus dois deuses da arte Apolo e Dionísio, então, se vincula o entendimento de que no mundo helênico existe uma enorme contraposição. Quanto a origem e objetivos, nos coloca Nietzsche que:

[...] entre arte e figurador plástico (*Bildner*), a apolínea, e a arte não figurada (*unbildlichen*) da música, a de Dionísio: ambos os impulsos, tão diversos, caminham lado a lado, na maioria das vezes em discórdia aberta e incitando-se mutuamente a produções sempre novas, para perpetuar nelas a luta daquela contraposição sobre a qual a palavra comum “arte” lançava apenas aparentemente a ponte, até que, por fim, através de um miraculoso ato metafísico da “vontade” helênica, apareceram emparelhados um com o outro, e nesse emparelhamento tanto a obra de arte dionisíaca quanto a apolínea geraram a tragédia ática.” (NIETZSCHE, 2003, p. 24)

É nessa síntese carregada de tensão que reside para o nosso filósofo do “martelo” a amálgama do então feito singular do povo helênico que é a tragédia grega. Mostra que só

semelhante arte pode transmitir uma experiência profunda da vida, do mundo ou da existência.

Como obra de arte apolíneo-dionisíaca a tragédia reúne sonho e embriaguez, luz e sombra, aparência e essência, imagem e música. A tragédia nasceu da música, do canto em louvor a Dionísio, entoado por um grupo de pessoas que percorrendo florestas. Funda-se na música e na poesia. O fenômeno de possessão provocado pela música, a embriaguez, é a condição e o princípio da arte dramática. “O texto trágico como sendo música e palavra, concorre por sua vez para a exposição de um determinado sentimento, de uma determinada sensação que se cristaliza como obra de arte.” (PEREIRA, 2009, p.96)

Nesse contexto dionisíaco, o homem se afirma como Ser, como aquele indivíduo que capta as coisas no fluxo interminável da natureza, onde as coisas se configuram e que, para Marcelo Pereira, a noção de artista ingênuo em Nietzsche parte. Nesse sentido, o artista ingênuo é para o jovem filósofo, o indivíduo que transcendeu os impulsos naturais para a cultura, para forma e que toma o fluxo como o seu limite, assim, a própria arte pode ser entendida como manifestação desse fato. Marcelo ainda coloca:

[...] O *ingênuo* é, sob o plano do *Nascimento da Tragédia*, o resultado de altíssimo grau, produto de um grande burilar da forma que se manifesta neste desenho nítido das figuras, que pode ser entendido também, como uma capacidade de recepção luminosa; sensibilidade que soube trabalhar com o inusitado, com as aporias, com a dor, com o sofrimento.[...] (PEREIRA, 2009, p.96)

Nietzsche vai escolher Rafael de Sânzio como modelo de artista ingênuo, justamente por ter esse, expressado em sua obra barroca *A Transfiguração* em que representa o processo no qual se insere o gênio do artista, contemplando os opostos e complementares impulsos do dionisíaco e do apolíneo em sua obra. Onde em sua obra primeira diz sobre o artista e a obra do imortal “ingênuo Rafael que: “ pelo mesmo motivo que o cerne mais íntimo da natureza sente aquele prazer indescritível no artista ingênuo e na obra de arte ingênua, que é similarmente apenas “aparência da aparência.” (NIETZSCHE, 2003, p. 36-37) Rafael para Nietzsche representou a despontuação da aparência na aparência e em sua transfiguração ele nos mostra a reverberação da eterna dor primordial em suas imagens, “o único fundamento do mundo: [...] do eterno contraditório, pai de todas as coisas.” (NIETZSCHE, 2003, p. 37)

Até então, Nietzsche coloca em sua obra primeira e expõe sobre o apolíneo e o dionisíaco a reforçarem-se mutuamente a exaustão e como tais forças dominaram o caráter helênico e fundaram a obra de arte da tragédia ática.

O próximo passo de Nietzsche em sua investigação e sua verdadeira meta visa ao conhecimento do gênio apolíneo-dionisíaco, da obra de arte e à compreensão intuitiva do mistério dessa união.

A ideia de gênio assume um sentido primeiro em *O Nascimento da Tragédia* de Nietzsche. Um sentido que está relacionado ao processo criativo, em que a arte é tratada como algo superior, capaz de uma revelação. Em *O Nascimento da Tragédia*, primeiramente, o gênio foi encarado como alguém sobre-humano capaz de mostrar uma verdade fundamental. Nietzsche apresenta o mundo apolíneo e mundo dionisíaco, ambos distintos. O apolíneo e o dionisíaco são considerados os impulsos estéticos da natureza que regem a arte.

Em Nietzsche, coloca Marcelo Pereira, “o gênio se insere num movimento de forças que o antecedem, ele não é aquele que arbitrariamente dá a forma, mas aquele que joga intuitivamente através das metáforas – essas como sendo germens filosóficos cheios de possibilidades.” (PEREIRA, 2009, p. 97)

Assim, nota-se que a tragédia ática fundou-se, conforme Nietzsche, sobre conceitos estéticos e éticos bem singulares, que em *O Nascimento da Tragédia* sua célebre obra filosófica juvenil, vai impressionar à todos, pois se a imagem usual que se fazia dos gregos, até então, tinha a racionalidade e a harmoniosa simplicidade nobre e grandeza serena, como fundamento à luz do trágico nietzschiano em sua obra primeira, vai se conceber um olhar inteiramente novo da cultura grega, onde o lugar do irracional e da loucura, irão contrapor os estudos sobre a Helade.

3 OS GREGOS E AS BENÇÃOS DA LOUCURA EM DODDS

“Se fosse justamente à loucura para empregar uma palavra de Platão, que tivesse trazido as maiores bênçãos sobre a Helade?” Diz Nietzsche em sua introdução em *O Nascimento da Tragédia* (2003, p.15), apontando para muitos, estranheza, mas para o filósofo que se chamava “dinamite” nada melhor para quebrar com os velhos e antigos conceitos que se tinha até então sobre a criação da cultura grega, aqui em específico, a origem da tragédia ática.

E.R.Dodds, em sua obra *Os Gregos e o Irracional*, traz com muita clareza, os modos primitivos de pensamento dos Gregos, como o papel da loucura e seu aspecto irracional, não vendo porque dar privilégio aos gregos antigos em detrimento de outros povos sobre tal questão, a irracionalidade.

Presta ver, que tanto Sócrates, Platão e depois Aristóteles vão de alguma forma se ocupar dela, a loucura, aspecto irracional aqui em questão. Quando Sócrates no Fedro coloca: “Nossas maiores bênçãos vêm a nós através da loucura”, ele, logo ele, considerado o precursor do racionalismo ocidental, não é retratado para nós ao longo da história, como quem prefere a loucura à sanidade.

Está certo que, nos tempos de Platão, a maioria das pessoas via a loucura como descrédito, porém, ele afirmava, dando ênfase a: “que a loucura seja inculcada por uma dádiva divina”. Prosseguindo em seu pensamento distingui quatro tipos de “loucura divina” que são: - a loucura profética, cujo deus é Apolo; a loucura ritual, cujo deus é Dionísio; a loucura poética, inspirada pelas Musas e a loucura erótica, inspirada por Afrodite e Eros. (DODDS, 2002, p. 71)

A questão principal levantada por Dodds (2002, p. 72) e que nos interessa esclarecer é quanto a questão histórica de: “como os gregos chegaram às crenças pressupostas na classificação de Platão e quanto eles as alteraram por influência dessa tendência racionalista?”

Essa questão, não só é pertinente ao entendimento do que estamos tratando nesse estudo, quanto nos faz refletir sobre a origem da obra de arte máxima dos gregos e o trágico fim da mesma, a tragédia ática. Pois se a irracionalidade foi sua propulsora, sabemos que, o excesso de racionalidade, torna-se, a sua trágica destruição. E, como estamos tratando fundamentalmente do entendimento da tragédia sob a concepção nietzschiana, mesmo que, de mão a outros teóricos, por vezes, voltarei a obra primeira criada pelo jovem filósofo.

Na Grécia, Dodds nos faz entender em sua obra que, “os loucos, apesar de serem mantidos afastados, eram vistos com temor respeitoso, pois se acreditava que eles tinham contato com o sobrenatural.”

Elucida-nos, ainda, que a loucura anterior a Platão se sabia de outras formas:

De Heródoto ficamos sabendo que a loucura de Cleomenes, [...] foi atribuída por seus próprios conterrâneos aos efeitos da bebida. Já “a loucura de Cambises por uma epilepsia congênita [...] dois tipos de loucura, uma delas de origem sobrenatural (apesar de não benéfica) e outra ligada a causas naturais. É crença comum de povos primitivos do mundo inteiro, que todos os tipos de distúrbio mental são causados por interferência sobrenatural. (DODDS, 2002, p. 72)

Tal crença foi universalizada até os dias atuais, pois pacientes com distúrbio, acreditam, na maioria das vezes, de que estão em contato com forças sobrenaturais. Epiléticos também têm a sensação de estarem sendo abatidos com um porrete por seres invisíveis. Fica posto, portanto, que tais distúrbios como a possessão aparecem com mais frequência entre povos menos avançados e são mais comuns na antiguidade do que hoje. Distúrbios esses muitas vezes atribuídos a agentes demoníacos e que permaneceu um lugar-comum no pensamento popular grego até os nossos dias. (DODDS, 2002, p. 74)

“No entanto, se os insanos eram mantidos afastados, eles eram também vistos com um respeito que beirava o medo”[...] Afinal, eles estavam em contato com o mundo sobrenatural e podiam dispor de poderes negados aos homens comuns. (DODDS, 2002) Por exemplo Ajax e Édipo são tomados ou afetados por um *daemon*, que de certa forma os davam poderes sobrenaturais.

Mas, voltando aos quatro tipos de loucura descritas por Platão e retomadas por Dodds, daremos atenção especial as duas primeiras: - a loucura profética e a loucura ritual.

Para Dodds, “Platão estava inteiramente equivocado: a loucura profética era desconhecida na Grécia antes da chegada de Dionísio”. Ainda coloca a impressionante antítese de Nietzsche que, “havia estabelecido entre a religião “racional” de Apolo e a religião “irracional” de Dionísio.” (DODDS, 2002, p.75)

A experiência dionisíaca é essencialmente coletiva e está longe de ser um dom raro, que chega ser infecciosa. Os usos do vinho e da dança, não induzem o estado apolíneo, são duas coisas tão distintas que uma dificilmente deriva da outra. Então, além de saber que a profecia de caráter extático era praticada desde os primórdios na Ásia a loucura profética, na Grécia, é tão velha quanto a religião de Apolo. (DODDS, 2000)

Platão, segundo Dodds (2000), também se refere aos profetas inspirados, como um tipo comum e familiar de seu tempo. [...] quando, diz que, eles possuíam uma segunda voz

dentro deles, era como dialogavam com o futuro, acreditando ser a voz de um *daemon*. Essas possessões, como veem são comuns de aparecerem em registros tardios e em modernas sessões de espiritismo.

A força do oráculo de Delfos devia-se a segurança que um conselheiro onisciente podia oferecer, pois por detrás do caos, do vazio, estava Apolo, que conhecia as regras do jogo complicado que os deuses jogavam com a humanidade, ele era o vigário, o supremo. Os gregos não acreditavam por superstição, mas porque, não podiam viver sem acreditar.

Dodds (2000) postula ser a dionisíaca, a dança da montanha, o protótipo da loucura ritual. Com sua função social essencialmente catártica, em sentido psicológico – tratava-se de purgar o indivíduo de impulsos irracionais infecciosos, gerando nesses momentos uma histeria coletiva ou efusões de dança. O ritual gerava uma espécie de alívio. Enquanto Apolo oferecia segurança, Dionísio vinha e oferecia liberdade. Apolo poderia dizer é o deus do individual e Dionísio da coletividade.

As alegrias de Dionísio eram espectros variados, ele leva as pessoas a se comportarem loucamente, a deixarem-se levar, serem possuídas, seu objetivo era o *êxtase*, o sair de si até uma alteração mais profunda da personalidade. Supunha-se na Grécia daqueles dias de Dionísio que todos podiam curar o que haviam causado se sua ira fosse apaziguada pela catarse mágico-religiosa

Quanto aos outros dois tipos de loucura: a loucura divina e a loucura erótica; ocupar-me-ei brevemente da primeira, da loucura divina, bem como Dodds (2000) fez em sua obra já citada, ao qual estamos apresentando apenas o que trata no capítulo “As Bênçãos da Loucura”. O terceiro tipo de loucura que Dodds (2000) cita é: a “divina”, mencionada por Platão, que ele define como “possessão [...] através das musas” e declara ser indispensável para a produção do melhor gênero de poesia. Quão antiga é esta noção, e qual a conexão original entre os poetas e as musas? É pela graça das musas, diz Hesíodo, que existem os poetas, elas inspiram e concedem a criação poética. O poeta pergunta e invoca as musas o que ele deve dizer. O dom das musas é o poder da fala verdadeira, embora pudessem mentir imitando a verdade.

Concluindo, devo admitir que a loucura fosse uma benção desde a antiguidade, pois se formos aqui, em pouquíssimas palavras fazer uma pequena analogia à loucura de Qorpo-Santo e de Nietzsche, ambos possuem traços da loucura trágica dos gregos e da irracionalidade dionisíaca que se complementa com a racionalidade apolínea, num perfeito pacto acerca da obra de arte e da criação. É do que vamos tratar logo a seguir, no entanto, o porquê do nosso trajeto até então, pois para conseguirmos entender a proposta dessa pesquisa

ao analisar a obra de arte qorposantense *Eu Sou Vida; Eu Não Sou Morte* à luz do trágico nietzschiano, tivemos que tratar do conceito de loucura e também, melhor entendê-lo no contexto trágico, como um aspecto irracional que nos acompanha desde a Grécia até os dias atuais e que está longe de ser algo terrível e negativo como a tratam, bem ao contrário, a loucura impulsiona a criação e a vida.

4 QORPO-SANTO: TRAÇOS TRÁGICOS NO ARTISTA E NA OBRA

4.1 QORPO-SANTO UM ARTISTA TRÁGICO?

Sim. Não. Trágico! Cômico! Absurdo! Tragicômico, em fim, todas as possibilidades em uníssono. Qorpo-Santo, como já vimos, pode se revelar de variáveis diversas. As muitas possibilidades sobre o que suscita sua criação, nos leva a pensar e investigar as muitas maneiras e formas de ser de um artista. A singularidade estética de Qorpo-Santo, curiosamente, encontra ressonância no anedotário sobre sua vida. Qorpo-Santo sempre imprimiu a si próprio em suas obras e por ter vivido uma vida tão *sui generis* é comum que se equiparem as peculiaridades de sua obra com a excentricidade de sua vida. Ora, um estudo de Qorpo-Santo, dificilmente pode se furtar a apresentação de sua personalidade, por isso, cabe aqui, um breve delineamento do retrato desse curioso escritor.

Apesar de ser um homem com certa popularidade e possuidor de consideráveis bens e cultura para época, Qorpo-Santo teve sua produção artística praticamente ignorada por seus contemporâneos; isso parece se dever em muito às transformações pelas quais o escritor passou. O respeitado professor converteu-se em uma figura extravagante, cheia de manias e com ideias estéticas pouco convencionais para a sociedade do século XIX. É com a transfiguração do pacato e equilibrado José Joaquim de Campos Leão, no estranho, louco e ousado visionário automeado Qorpo-Santo que nasce o autor das obras encarnadas dele mesmo que aqui vamos considerar. Pode-se deduzir que trabalhos artísticos nascidos nessas condições, inevitavelmente estariam destinados à incompreensão, sobre tudo em um contexto culturalmente acanhado e sombrio como haveria de ser toda aquela região do “Baixo Jacuí”, Triunfo e a Porto Alegre oitocentista.

Ao chegar aqui, nos aproximamos do objetivo desse estudo e do que viemos investigar: se há um traço trágico na obra do artista triunfense? E, para isso é preciso, no meu entendimento, saber se o artista Qorpo-Santo tem traços característicos de um artista trágico? Se entendermos ser um artista trágico o mesmo “artista ingênuo” de Nietzsche, podemos sim analisar alguns traços desse tipo no artista em foco e, é claro que não poderei me eximir de falar do artista que compõe a obra e da obra que compõe o artista, já que para Nietzsche o universo é arte e nós humanos, também. Somos e produzimos arte numa “síntese carregada de tensão” entre os opostos complementares do “dionisíaco e apolíneo”. (HELDERICH, 2000, p. 340).

O artista como trágico aqui em questão, é o artista de Nietzsche e que tão bem nos fala Marcelo Pereira em *A Epiderme do Pensamento: Arte e Educação sob o ponto de vista Trágico do Primeiro Nietzsche* (2009) e, é desse artista a quem venho tratar, do “artista ingênuo” e das possibilidades de haver traços desse artista nietzschiano em Qorpo-Santo. No sentido, da pura estesia que configura o dionisíaco, onde do ponto de ruptura surge o estético e o homem se afirma como Ser que capta as coisas no fluxo interminável da natureza, onde as coisas se configuram. A noção de “artista ingênuo” para Nietzsche vai nesse sentido. Para o jovem filósofo, “o artista ingênuo é o indivíduo que transcendeu os impulsos naturais para a cultura, para forma, tomando o fluxo como seu limite.” (PEREIRA, 2009, p.96)

Postulo a ideia que, Qorpo-Santo ao longo da vida de dor e sofrimento que teve, diz “sim à vida”¹⁵ diversas vezes, “tomando o fluxo como seu limite”, o fluxo da sua própria vida, da infância até sua vida adulta, quando é tomado pela loucura ou pela monomania. “Loucura” essa que mais é uma “benção” do que desgraça. Na sua infância, mesmo fazendo parte de uma família de posses, que possuía um elevado grau de cultura para época, nasceu e viveu seus primeiros anos em Triunfo, sua terra natal, uma pequena vila às margens do Jacuí e que até a Revolução Farroupilha era um lugar de paz e tranquilo de se viver, o menino, filho do primeiro professor público da cidade, diz em sua autobiografia, ter sofrido um trauma aos três anos, diante do abuso sofrido por uma mulher na sua frente (CESAR, 1980, p.13), que o marcou profundamente, na vida e na obra, um assunto que para ele foi foco de sua ânsia criadora e tema constante: a sexualidade.

Outro sofrimento forte que passou, foi pela morte do pai, em uma emboscada nas charqueadas da família, no período da guerra farrapa. Creio aqui ter o menino José Joaquim, dito seu primeiro “sim à vida”, acumulando em sua imaginação tais vivências, que mais tarde serão cenas vivas em sua obra encarnada dele mesmo. O fato do abuso sofrido, - diante de sua presença aos três anos de idade - a uma mulher que, supõe Eudínyr Fraga, ser a própria mãe de Qorpo-Santo (FRAGA, 2001, p. 17); o constante estado de guerra e de tensão que viveu, diante da Revolução Farroupilha, durante toda a infância, com batalhas sangrentas que ocorreram dentro da Vila de Triunfo e arredores da sua casa e conseqüentemente a morte trágica do pai e parentes em emboscada preparada nessa mesma guerra, faz Qorpo-Santo abrir mão da infância e assumir precocemente os negócios e a família e ir atrás do sustento de todos (SANTO, 2003, p. 20). Para uma criança sensível e inteligente passar por isso e

¹⁵ Parte do reconhecimento nietzschiano do sem-sentido da existência e do caráter propriamente antropomórfico de todo sentido, por entender que é nesse reconhecimento que se sustenta a filosofia afirmativa nietzschiana do “sim à vida”, seu saber trágico afirmador da vida. A sabedoria trágica, não nega o caráter absurdo e sofredor da vida, mas, a seu despeito, ama a vida incondicionalmente. (NIETZSCHE, 2006, p. 37)

sublimar a dor e o sofrimento é dizer “sim à vida”. Mostra evidente do que falo é que Qorpo-Santo a partir de então, vai se tornar dono de si e tornar-se um homem impecável e bem sucedido, no comércio, na política, na educação, até aí respeitado por todos os contemporâneos de sua época, já que o bom filho, irmão e membro da sociedade rio-grandense do século XIX, ainda regido por Apolo configurava e representava as regras morais impostas que regiam o imaginário e a vida daquelas pessoas que habitavam as margens do Guaíba e do Jacuí.

Até a doença e morte de uma irmã e da mãe, quando e não por acaso, em seguida, casa-se com D. Inácia e um ano depois perde uma das filhas dessa “relação natural”¹⁶, José Joaquim de Campos Leão se comporta como um homem aparentemente normal. É, a partir dessa sucessão de perdas que o jovem Qorpo-Santo se entrega a sua imaginação, a suas ideias e a uma impertinência sem limites, passando “a escrever sem pausa, nos gêneros mais diversos” (CESAR, 1980, p. 44) a partir daí, começam então, as manifestações de seu desequilíbrio e crise existencial, passando por interdição a pedido da própria esposa e filhos que não sabiam o que fazer para impedir ou amenizar sua “grafomania” ou precisamente, a diagnosticada “monomania”, mostrando aqui em seu processo criador, ser o fluxo seu limite.

Passou pelo escárnio dos “cães da província” ou pelas chacotas de toda uma gente que ria e o maldizia como o “louco do Guaíba ou da Província” e mais uma vez sua resposta foi dizer “sim à vida” e, ao invés de se entregar a Apolo de vez e usar de violência para dar conta da violência sofrida, se entrega a Dionísio e começa a escrever compulsivamente seus primeiros esboços de volta a Triunfo, sua terra natal, em 1866, onde num fluxo contínuo, produz em seis meses, sua grande obra teatral a *Enciclopédia ou Seis Meses de Enfermidade*. Qorpo-Santo não se entrega a interdição, nem aos preconceitos sofridos, antes pelo contrário, vai ao Rio de Janeiro em busca de sua sanidade e que lá é comprovada, por mais um médico, sua imensa lucidez. Mesmo assim, não é aceito e nem salvo da interdição, mais uma vez diz “sim à vida” e mesmo passando por dificuldades financeiras, já que, ficou sem a posse de seu patrimônio e sendo excluído, por seus contemporâneos, funda sua própria Tipografia Qorpo-Santo, à Rua General Câmara, esquina com a Rua da Praia e torna-se “o editor de si mesmo” (CESAR, 1980, p.44), para definitivamente, dizer “sim à vida” e se perpetuar através de sua criação e arte que, mesmo tendo ficado no anonimato por mais de cem anos, após sua morte

¹⁶ "**As Relações Naturais**" é uma comédia em quatro atos escrita por **Qorpo Santo**, que trata dos desejos reprimidos, do erotismo exacerbado e dos pecados da carne. Aqui no sentido ao qual QS defendia que, era a ideia de se ter apenas relações sexuais dentro do casamento. Uma espécie de fidelidade às relações naturais do matrimônio que, na sua concepção não podia de dar mais que dois, ou seja, o casamento deveria se repetir somente outra vez, caso o primeiro não desse certo. Causou polêmica na época de sua publicação. (QORPO-SANTO, <http://www.superdownloads.com.br>)

em 1883, volta para nós com uma força reveladora do gênio criador, que é considerado o precursor do teatro do absurdo e do teatro moderno no Brasil e Rio Grande do Sul.

Em sua obra *Enciclopédica*,¹⁷ revelada por Aníbal Damasceno,¹⁸ em linguagem própria e instigante, por vezes desconexa, Qorpo-Santo, por meio do teatro, “vinga-se da sociedade e dos desacertos humanos.” (CESAR, 1980) Sua obra realista, crua, áspera e algumas vezes autobiográfica, encarna não só a ele próprio, como, aqui mostra seu espírito dionisíaco superando o apolíneo, sua sublimação da dor e sofrimento se transfigurando em gênio criador.

Comparado com autores importantes de sua geração, é também, considerado o mais atual. Sua obra, tão cheia de altos e baixos, mostra em si a dança dionisíaca que a compõe. Para Guilhermino Cesar, estudioso da vida e da obra qorposantense, o nosso conterrâneo rio-grandense e teatrólogo é mais representável do que o criador da *pataphysique*, o louco genial que foi Alfred Jarry e o compara com grandes nomes da criação literária brasileira a exemplo de Gil Vicente, Ariano Suassuna e também, o cita como o precursor do Teatro do Absurdo de Ionesco, de Ghelderod, de Vian e outros(1980). Denise Espírito Santo o compara ao Artur Bispo do Rosário do teatro (SANTO, 2003, p. 19).

Isso nos prova que, sua autenticidade literária, tem algo a nos dizer, a nos comunicar e pensar sua “expressão trágica”. Se Qorpo-Santo tomou o fluxo como seu limite em sua criação, através do que Marcelo Pereira defende, vamos poder conceber a ideia, do mesmo poder ser considerado um “artista ingênuo”, já que:

[...] O ingênuo é, sob o plano do Nascimento de Tragédia, o resultado de altíssimo grau, produto de um longo burilar da forma que se manifesta neste desenho nítido das figuras, que pode ser entendido também, como uma capacidade de recepção luminosa; sensibilidade que soube trabalhar com o inusitado, com as aporias, com a dor, com o sofrimento. [...] (PEREIRA, 2009, p.96)

Sei que, Qorpo-Santo não é Rafael de Sanzio e nem é o caso de aqui compará-los, mas a exemplo de Nietzsche, creio ver expresso e impregnado, na obra do artista triunfense, algo que lhe transcende e da mesma maneira, postulo, bem como Nietzsche, em relação a Rafael e a “Transfiguração”, que a obra *Eu Sou Vida; Eu Não Sou Morte* de Qorpo-Santo, representa suas demais obras e seu próprio processo, no qual se insere o gênio do artista, “o gênio que joga intuitivamente através das metáforas” e “como sendo aquele que contempla

¹⁷ *Enciclopédia ou Seis Meses de Enfermidade* é a obra de 9 volumes escrita por Qorpo-Santo em seis meses, durante o surto compulsivo pela escrita, grafomania ou monomania, em 1866, em que o mesmo, a partir de então, em 1877, funda uma Tipografia própria para imprimir e editar a mesma, já que seus textos e ideias não eram aceitos pela sociedade da época.

¹⁸ Aníbal Damasceno, funcionário da Rádio da Universidade-UFRGS, que revelou a Guilhermino Cesar que a obra de QS existia e que um fascículo da *Enciclopédia* estava em posse do professor Dario de Bittencourt.

em sua obra os impulsos dionisíaco e apolíneo, aquele que funde ordem e caos, cura e loucura, contenção e desmesura.” (PEREIRA, 2009, p.97)

Como Guilhermino Cesar afirma, o autor Qorpo-Santo, não resiste ao demônio ou ao *daemon* da escrita, num fluxo compulsivo de sua ânsia criadora, mesmo quando esteve no hospício, em quarto escuro, não parou de escrever e de dizer “sim à vida”. Metido no seu mundo de fantasmas, crendo ser Napoleão ou Cristo, abraçado com a loucura, uma “loucura” por vezes “ritual” e por outra “profética”, sua criação sabemos:

que muito se deve à doença de que padeceu, não há dúvida, mas que é também uma estética em busca de formas mais perfeitas, de ideações e fantasias, através das quais o bicho-homem deixa em terra suas fragilidades e cria asas para passar a melhores regiões. (CESAR, 1980, p. 48)

O fato posto é que, Qorpo-Santo, escrevia em fluxo, muito rápido, sem saber por que escrevia, diz Guilhermino Cesar (1980) - como um teleguiado. Em poucas horas, o desarvorado e impertinente José Joaquim de Campos Leão Qorpo-Santo, compunha uma peça de teatro, sem voltar atrás, sem rever, sem polir, saltando com um sátiro dançante por cima das convenções apolíneas, maltratando as regras elementares – coisa rara – da sua época.

Um artista e seu processo de criação, de uma “obra que vê e pensa.” (PEREIRA, 2009, p.96) Um artista triunfante, rio-grandense, brasileiro e hoje universal. Que assim como Nietzsche, parece ter escrito para o futuro, traz “traços trágicos” em si e em sua obra, ele melhor do que ninguém; trouxe em suas comédias a vida, a cultura e como os humanos de sua época viviam e soube armar o conflito, soube dialogar e explorar situações cômicas originais e com isso, junto, provocou a inquietação dos espectadores desabitoados em pensar. Mas, uma dentre suas comédias “que mais parece tragédia” (CESAR, 1980, p. 134), a peça teatral *Eu Sou Vida; Eu Não Sou Morte*, considerada sua obra-prima é a obra escolhida que vamos analisar em seu valor estético, dramático e trágico e ao mesmo tempo reivindicar a Qorpo-Santo, um lugar entre os maiores dramaturgos da língua portuguesa.

Até o presente momento falamos de Qorpo-Santo e de sua obra, de Nietzsche e de *O Nascimento da Tragédia*, de conceitos primordiais, da loucura, de suas bênçãos e chegamos agora ao nosso destino, ou seja, a análise da obra-prima de Qorpo-Santo à luz do trágico em Nietzsche.

4.2 TRAÇOS TRÁGICOS NA OBRA “EU SOU VIDA; EU NÃO SOU MORTE”



Figura 8 – Cenas da peça encenada em 1994 e do filme adaptado de 1970

Fonte: adaptado do Power Point QORPO-SANTO À LUZ DO TRÁGICO EM NIETZSCHE, Cida Dias, dez/2012.

Ao aprofundar a cada passo a análise dos estudos elaborados até então, gostaria de focar: no pensamento de Nietzsche acerca da obra de arte, para retomar o caminho de onde partimos. Da ideia de haver traços trágicos na obra de Qorpo-Santo *Eu Sou a Vida; Eu Não Sou Morte* (Anexo B). O caminho percorrido passa brevemente pela vida desses dois contemporâneos-extemporâneos, Qorpo-Santo e Nietzsche, pela urdidura da trama possível entre os dois e pelo diálogo entre as obras *Eu Sou Vida; Eu Não Sou Morte* e *O Nascimento da Tragédia*, para saber se há traços trágicos nietzschianos na obra qorposantense citada.

Seguindo tais vestígios, postulo, ao partir do título da peça: *Eu Sou Vida; Eu Não Sou Morte* que, contém em si, o “sim à vida”, a afirmação da vida na sabedoria trágica do jovem Nietzsche, pois “não ser a morte” não é o não ser da vida que, apesar do desfecho mortal, o que se afirma no drama é a vida, é ser a vida com entusiasmo e vontade e não ser a morte.

A morte não como oposição da vida, mas um aspecto dela, a morte como parte da vida, a morte já prevista desde o começo tragicômico do drama na mesma sentença que encerra o duplo na representação de um drama dionisíaco: o deus

nascido duas vezes, aquele cujo “ser se contrapõe ao não ser”. (BANDEIRA, 2008, p.53)

Para evidenciar o que orientou a leitura da peça em questão, principio, considerando a harmonia dos movimentos contrários no acolhimento da palavra tensão em sua origem grega: *Tónos*, que diz, tensão; contenção de espírito; intensidade; tom da voz; ritmo de um verso; dar intensidade ao tom da voz, transmitir energia no entrelaçamento e no vigor das vozes que se entrecruzam.

É na síntese carregada de tensão entre os princípios apolíneo e dionisíaco que reside a tragédia grega, nos diz Nietzsche, assim como, na ação das forças opostas que juntas tencionam o risível e o terrível que está a harmonia desta “...comédia, que mais parece Tragédia” conforme as palavras de Qorpo-santo ao fim da peça. A análise da peça se funda no caminho circular da obra de arte, que se faz no percurso do método do círculo hermenêutico em que o ponto de partida é o mesmo ponto de chegada e vice-versa. Ao entender isso, se entende também que a obra de Qorpo-Santo, não só transgride ao tempo linear, como também, rompe com a ideia de ação retilínea e com certa retidão de espaço e tempo. Nesse movimento em que a peça se apresenta, na combinação de elementos diferentes é que advém a harmonia, a aproximação e união empregada na música. Durante a leitura da peça dá para escutar os sons melódicos das vozes dos personagens em oposição, formando uma harmonia e a musicalidade da peça. “É neste sentido de reunião das diferenças que nos empenhamos em compreender *Eu Sou vida; Eu Não Sou Morte*, em que a identidade surge aos ouvidos de quem ausculta o tudo do um[...]” (BANDEIRA, 2008, p. 48)

A estrutura da peça no **Ato Primeiro**, com Lindo e Linda, tece a musicalidade que se revela já em seus nomes e na oposição harmônica do masculino e do feminino, a ideia do louvor a beleza a partir de Linda (cantando) em contraponto a voz e a palavra de Lindo, sugere o trágico em seu princípio pela música através da palavra. Nesse dueto, o canto das vozes de Linda-Lindo é dialógico, “em um embate de perguntas e respostas, trazendo elementos do canto, na forma, no ritmo e debate que se alterna em cada estrofe cantada, este movimento é que dá forma à canção, alusivo à construção musical do ditirambo dionisíaco.” (BANDEIRA, 2008, p. 49)

Na canção do par Linda-Lindo ocorre a obra que reúne o anúncio do viver e o prenúncio do morrer: um canto que canta luz e treva, vida e morte. Nessa união da música e da palavra que forja o drama, a dança e o cortejo ditirâmico no movimento das vozes e imagens que elas suscitam e que se manifestam nos primeiros versos e estrofes da peça tragicômica qorposantense:

“ATO PRIMEIRO

Lindo e Linda

LINDA - (*cantando*)
Se não tiveres cuidado,
Algum Cão danado
Te há de matar;
Te há d'estraçalhar!

LINDO -
Eu sou vida;
Eu não sou morte!
E esta minha sorte;
É esta minha lida!

LINDA -
Ind'assim, toma sentido!
Vê que é tudo fingido;
Não creias algum louvor:
Sabei: - Te trará dor!d

LINDO -
Se desrespeitará
A vida minha?
A desse, asinha,
- Ao ar voará!” (QORPO SANTO, 1980, p. 125)

A sucessão de sons, das vozes que ocorrem em uma linearidade melódica, em uníssono, entre as várias vozes do drama, se liga em movimentos sucessivos num fluxo intermitente e simultâneo, numa textura musical e harmônica.

Outro aspecto importante e que caracteriza o trágico no drama qorposantense, é o chamado ao diabo que, fica posto no diálogo de Lindo quando diz: “-Tu és o diabo!”[...] e Linda responde, como quem conclama:[...]”és o diabo em figura de homem!” O diabo no sentido daquele que causa a separação, a polêmica, a desunião e a guerra.

Se Dionísio guarda a vida e a morte, sem excluir um ou outro, assume os dois princípios de seu ser que estão em Lindo e Linda que geram a própria vida em Manuelinha, que é o fruto da unidade dual dos contrários que se complementam - que para o Rapaz é filha da relação da vergonha e da culpa¹⁹. Para contrapor-se à existência do dionisíaco no drama é o deus oposto Apolo, na figura do Rapaz que entra em cena no final do **Ato Primeiro** gerando a tensão, o conflito e logo, a morte.

Quem dá fim à existência de Lindo é o Rapaz, que simboliza o princípio apolíneo, a ordenação, a regra da sociedade instituída. Em contraponto, da união de Lindo e Linda, surge o princípio dionisíaco. Conforme Bandeira, “estes dois princípios geram este teatro, lugar em que os deuses Apolo e Dionísio são vistos”.(2008, p. 53)

¹⁹ Aqui conforme Dodds defende ter se forjado no ocidente a partir das ideias homéricas uma “cultura da vergonha e da culpa” por um excesso de racionalidade. (DODDS, 2002,p.35)

Da tensão entre o Rapaz e Linda, da dor e sofrimento surge, no diálogo e na voz de Linda, a presença do Sátiro, outro elemento característico do trágico em Nietzsche:

LINDA - Este menino é o diabinho em figura humana! Dança, salta, pula, brinca... Faz o diabo! Sim, se não é o diabo em pessoa, há ocasiões em que parece o demônio; enfim, o que terá ele naquela cabeça!? (*Lindo medita em pé e com uma mão encostada no rosto.*) Pensa horas inteiras, e nada diz! Fala como o mais falador, e nada expressa! Come como um cavador, e nada obra! Enfim, é o ente mais extraordinário que meus olhos têm visto, que minhas mãos têm apalpado, que meu coração tem amado! (QORPO SANTO, 1980, p. 128)

E da dança que o drama sugere, segue o **Segundo Ato** em que se percebe que, da relação de Lindo e Linda, há a representação da quebra de uma regra moral, de uma convenção social, da racionalidade que é representada pelo Rapaz em nome das instituições, que nas suas falas conclamam os Governos, os Estados, a família, e a integridade:

- Pois como as vontades são livres e cada qual faz o que quer; como não há leis, ordem, moral, religião!... Eu também farei o que quero! E porque esta mulher não me pode pertencer enquanto tu existires - varo-te com esta espada!(*Atravessando-o com a espada; há aparência de sangue.*) Jorra o teu sangue em borbotões. Exausto o corpo, exausta a vida! E com ela todas as tuas futuras pretensões e ambições! Morre (*gritando e arrancando a espada*), cruel! e a tua morte será um novo exemplo - para os Governos; e para todos os que ignoram que as espadas se cingem; que as bandas se atam; que os galões se pregam; não para calcar, mas para defender a honra, o brio, a dignidade, e o interesse das Famílias! A honra, o brio, a dignidade, a integridade Nacional! (QORPO SANTO, 1980, p. 133/134)

Na voz do Rapaz, é a voz de Apolo que fala. A civilização retida na imagem do solista apolíneo, que combate a violência com a violência, entra em desacordo contra o desregramento, a violação a que se entrega Linda unindo-se a Lindo, permitindo que seja deflorada por outro homem, “que não é seu legítimo marido, mas sua outra parte, seu cúmplice no coro das ninfas bacantes que entoam melodias que hora se complementam e hora contrastam nas várias melodias de Dionísio. A canção da pluralidade do povo versus o solo da regra instituída.” (BANDEIRA, 2008, p. 53)

Na palavra da Menina, escuta-se o clamor pela vida e é nela mesma que, da união de Lindo e Linda que ocorre o “sim à vida”:

A MENINA - Papai! (*Aproximando-se dele.*) Que tem? Está doente? Me conte: - o que lhe aconteceu? O que foi? Diga, Papai) diga, diga! Eu o curo, se estiver doente. E se não estiver, a Mamãe há de curar! (QORPO SANTO, 1980, p. 132)

Depois que Lindo cai e se abate a tragédia à serviço de Apolo:

O RAPAZ (*voltando-se para a mãe e a filha*) De hoje em diante, Senhora, quer queiras, quer não, serás minha mulher, consorte, esposa! ~ tu, minha querida

menina, continuarás a ser a mimosa dos meus olhos, a flor que aromatiza; a santa que me diviniza! (QORPO SANTO, 1980, p. 134)

Ficando claras as intensões, de opressão e posse sobre Linda e a incestuosa fala direcionada a Manuelinha. Mesmo a força de Apolo, sendo manifesta, aqui nesse momento, a obra clama por Dionísio, pela interposição de ordem e desordem, de embriaguez e lucidez que para Nietzsche, nada mais é do que os dois princípios geradores do teatro grego, da arte ática, forjada por forças elementares que está no embate da produção de toda obra de arte; nascida da união, do acordo, do pacto entre o dionisíaco e o apolíneo.

Lindo, o roubador e Linda, a mulher roubada, representam Dionísio e a filha o “sim à vida” gerada pelo dionisíaco. O Rapaz, o legítimo marido, representa Apolo na configuração apolínea. Assim, a obra qorposantense *Eu Sou Vida; Eu Não Sou Morte* com a qual nos entrelaçamos nesse estudo, está empenhada, como obra de arte que é, numa trama que envolve musicalidade²⁰ e harmonia²¹; no sentido de haver aqui traços marcantes da origem de toda tragédia que é o espírito da música e o encontro harmônico dos dois princípios geradores da obra de arte que, o dionisíaco e o apolíneo. Se a obra de arte é a trama e se dá na trama, em busca da beleza harmônica e da verdade da vida, o que ela provoca pode ser compreendido como um golpe: político, social, antropológico, filosófico, psicológico, científico e histórico. A arte não é uma trama da história, porém trama a história da arte. Conspira a história sem ser a história, ela é histórica. Essa característica de conluio, de conspiração, de trama, que desacomoda e faz pensar, é arte pura. Talvez, por isso, a obra não linear de Qorpo-Santo como obra de arte que é, tenha incomodado a tantos ou sofrido tanto descaso e, ainda gere tamanha estranheza e susto, a ponto de ser pouco conhecida, estudada e representada na atualidade.

Por fim, usando as palavras finais escritas por Qorpo-Santo, no encerramento da peça, voltamos ao início do que gerou meu movimento circular e deu origem a pesquisa:

(Estende esta; e assim deve terminar o Segundo Ato; e mesmo findar a comédia, que mais parece - Tragédia.)

Maio 16 de 1866.

Por José Joaquin de Campos Leão Qorpo-Santo.

*Já se vê pois que a mulher era casada, foi antes deflorada, depois roubada ao marido pelo deflorador, etc.; que passado algum tempo encontrou-se e juntou-se a este; que o marido sentou praça como oficial; e finalmente que para

²⁰ Como já mencionado, é na musicalidade da tragédia que Nietzsche localiza o dionisíaco [...] (PEREIRA, 2009)

²¹ No sentido de disposição bem ordenada entre as partes de um todo; consonância de sons; sonoridade do estilo; acordo entre pessoas; proporção; ordem e simetria. É nesse sentido que sinto e escuto a leitura de *Eu Sou Vida; Eu Não Sou Morte*, conforme Célia P. Bandeira (2008);

reaver sua legítima mulher, foi-lhe mister dar a morte física ao seu primeiro amigo, ou roubador. (QORPO SANTO, 1980, p. 134/135)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao último ato, o último passo dessa pesquisa, mas sei estar longe, muito longe, de seu fim. Quando intuí tal objeto de estudo para essa pesquisa, parti do caos, passei pela dor e pelo sofrimento, para dar conta das tantas ideias amorfas.

Inspirada por, Qorpo-Santo, Nietzsche, Guilhermino Cesar, Denise Espírito Santo, Marcelo Pereira, Celia Bandeira, Margarida Tiburi e suas obras singulares, me enredei em alguns momentos, também, com outros inúmeros autores, textos, registros, documentos e comigo mesma, para dar conta da trama a ser urdida.

Partir do entendimento que, o caos e a dor, são ordem e prazer ao mesmo tempo, sentir na pele o trágico e a complexidade que é a aproximação com autores como; Qorpo-Santo e Nietzsche e suas obras *Eu Sou vida; Eu Não Sou Morte* e *O Nascimento da Tragédia*, sem me vangloriar, poso afirmar, ser um ato de coragem e superação, pois ambos, suscitam, uma desacomodação total. Fazem-nos sair do lugar comum, da zona de conforto e instigam a um “questionamento permanente” como propõe Scarlett Marton em seu livro sobre Nietzsche o *Filósofo da Suspeita* (2011) e a que busca por aprofundar, mais e mais, num fluxo contínuo e sem fim. Mesmo chegando até aqui é assim que me sinto, impulsionada ao infinito.

Ao retomar o propósito a que me imbuí, iniciamos apresentando “Qorpo-Santo e Nietzsche: contemporâneos – extemporâneos” de forma breve, seus contextos históricos, a fim de contextualizar o imaginário social da época em que viveram e esclarecer a trajetória de luz e sombra de José Joaquim de Campos Leão, desde seu nascimento e infância em Triunfo/RS-BR, passando por sua adolescência, tensa e de certa forma trágica, diante de ter vivido uma sucessão de perdas e, por certo responsáveis por sua monomania em adulto, seguida pela interdição e escárnio em vida, feitos por sua mulher e seus contemporâneos. Bem como, a partir de sua morte, a revelação de sua impressionante obra a *Enciclopédia ou Seis Meses de Enfermidade* mais de um século depois da mesma ser escrita, por tão extemporâneo autor. Já sobre Nietzsche, apontei, de maneira sucinta, chamar a atenção à vivência conturbada e sofrida que o filósofo “dinamite” viveu na Alemanha. Com intuito claro de trazer à luz sua criação extemporânea *O Nascimento da Tragédia*. Obra de um jovem professor de letras clássicas que despertou polêmica pelo seu caráter pessoal e pela ousadia de sua abordagem em que desafiava a concepção tradicional dos gregos como povo sereno e simples, defendendo que, a dor, a loucura e o lado irracional ou dionisíaco de tal povo é que teria forjado a grande obra que foi a tragédia ática, desacomodando seus contemporâneos e a muitos até hoje. Em “Relações Extemporâneas”, procurei estabelecer e entrelaçar não só

afinidades e vivências, como e, principalmente, traçar pensamentos similares dos contemporâneos-extemporâneos.

No segundo instante, parti da leitura e análise de *O Nascimento da Tragédia* (2007), focando na primeira parte da obra e do estudo de Marcelo de Andrade Pereira, *A Epiderme do Pensamento: Arte e Educação sob o ponto de vista Trágico do Primeiro Nietzsche* (2009), vindo elucidar conceitos primordiais a cerca do trágico nietzschiano, misto da ética e da estética em torno da origem da arte, da união de opostos, do pacto que surge da tensão entre o “apolíneo” e o “dionisíaco”; da essência dionisíaca que é a “embriaguez”, no qual o “entusiasta dionisíaco” vive o “frêmito dionisíaco” através da dança e da música. Da música como espírito e origem da tragédia, já que, a música e a palavra, em uníssono, fundam o “drama trágico”. A tragédia consiste, no universo nietzschiano, a uma espécie de prolongamento dos cortejos em louvor ao deus Dionísio, o “ditirambo dionisíaco”. No contexto dionisíaco, o homem se afirma como Ser, como aquele indivíduo que capta as coisas no “fluxo” interminável da natureza que estabelece a noção de “artista ingênuo”, daquele que toma o fluxo como o seu limite. Na “transfiguração” se dá a ideia de “gênio” que, assume um sentido primeiro em *O Nascimento da Tragédia*. Com o objetivo de compreender tais conceitos a cerca do trágico em Nietzsche para no fecho desse estudo tecer as relações com a obra *Eu Sou Vida; Eu Não Sou Morte*.

Logo, em “Os Gregos e as Bênçãos da Loucura”, evidenciei o papel da loucura na Grécia e as bênçãos que, ela pode trazer no processo de criação, sob o olhar de E.R. Dodds em *Os Gregos e o Irracional* (2002), em que esclarece os modos primitivos de pensamento dos Gregos, bem como, nos fala da loucura, do irracional e do paradoxo posto na fala do pai do racionalismo ocidental Sócrates, no Fedro que diz: “Nossas maiores bênçãos vêm a nós através da loucura”. Questionei então, assim como Nietzsche, o papel que a loucura tem na origem da obra de arte trágica do povo da Hélade e nesse sentido, como essa mesma loucura pode ter influenciado, profundamente, na criação de Qorpo-Santo.

Ao continuar a urdidura da trama a ser tecida, chegamos ao ponto proposto: a aproximação com o artista Qorpo-Santo, seu processo criativo, a análise da obra de arte nascida e parida pela dor, pela loucura e sua sublime transfiguração em genialidade, à luz do trágico nietzschiano e do estudo de Célia P.S. Bandeira, *Acordes Adversos: A Harmonia de Eu Sou Vida; Eu Não Sou Morte* (2008), ao fio condutor dessa pesquisa, à obra considerada pelo próprio Qorpo-Santo uma “tragédia” e por Guilhermino Cesar (1980) “uma obra-prima” e conceber a ideia de haver traços trágicos evidentes acerca da peça teatral. Tais traços e

evidências se apresentam claramente, através da musicalidade e harmonia dos movimentos contrários da peça teatral; na urdidura entre as vozes melódicas de Linda (mulher roubada) e Lindo (roubador) e, no ritmo entre elas; na tensão e nos acordos; no fluxo não linear; na embriaguez, na musicalidade das palavras, no ditirambo que a peça nos leva a dançar; na evocação ao diabo e na possessão do *daemon*; na união de opostos e do pacto pela vida, na figura dionisiaca de Manuelinha (filha de Lindo e Linda) em contraponto com a configuração de Apolo no Rapaz (marido legítimo), que representa a dimensão da materialidade, da individualidade e do institucional.

Quanto à metodologia utilizada, iluminada pelo mensageiro dos deuses gregos Hermes, aqui se confirmou como uma possibilidade de filosofia aplicada, realizada através da observação, da leitura, de estudos, de registros, dos documentos e textos, em que humildemente procurei interpretar teorias e processos, a partir de uma reflexão teórica, metodológica e qualitativa e fazer a análise da vida e do processo de criação de Qorpo-Santo e da obra *Eu Sou Vida; Eu Não Sou Morte* para averiguar os entrelaçamentos possíveis com Nietzsche e sua concepção da Tragédia Clássica em sua obra primeira *O Nascimento da Tragédia*, numa perspectiva hermenêutica - estético - filosófica.

A nítida conclusão a que chego, é de que Qorpo-Santo e Nietzsche são autores para ocupar um investigador por um tempo infinito, já que, seus pensamentos complexos demandam; atenção, rigor e inquietação, por uma busca incessante que, a cada frase, fragmento, aforismo, poesia ou obra, levam a intermináveis e novas possibilidades acerca de investigações nos campos da arte, da educação, da filosofia, da política, da literatura, da psicanálise, do humano e da própria vida, tema central de suas obras contemporâneas.

Poder chegar até aqui e, me dar conta do trajeto percorrido e mais, saber que as histórias contadas por meus antepassados, eram reais e saber que eles participaram e até conviveram com Qorpo-Santo é estar entrelaçada nessa trama também, é me sentir implicada diretamente nesse tecer. Depois, o prazer de descobrir que tais autores tinham afinidades e se complementavam me levou a pensar o quanto gostariam de ter se conhecido e pessoalmente dialogado. Não querendo exaltar Qorpo-Santo e nem superestimar a sua obra, mas quem sabe, Nietzsche, não o colocaria na lista dos “artistas ingênuos”, além de Rafael, como criador de arte pura e integrante do movimento renascentista da cultura trágica, junto com seus emissários, Schopenhauer e Richard Wagner. Mas, dessas possibilidades nunca saberemos, é mera ficção e nem é o futuro foco em questão.

Nesse sentido, os autores, bem como, as obras pesquisadas, estão longe de uma conclusão, pois o que aqui foi tratado se encontra ainda na superfície, precisamos aprofundar

a análise detalhadamente, por saber diante de tal estudo, da pertinência e da real importância desses autores serem revelados, estudados, pesquisados e vividos na contemporaneidade. Este final de trabalho, de estudo, análise e pesquisa, é apenas o começo de uma longa e não linear urdidura. A próxima trama a ser tecida, em todos os lugares possíveis, será: divulgar essa pesquisa e de forma prática, através de sua publicação, de palestras, oficinas de montagem e de um projeto de teatro debate sobre a peça *Eu Sou Vida; Eu Não Sou Morte* e as outras peças e escritos de Qorpo-Santo, para que, novas e infinitas possibilidades de entrelaçamentos, com os mais diversos campos do conhecimento, sejam propostos em nome de Qorpo-Santo, Nietzsche, em celebração à Vida e a Dionísio.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2000.
- ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. **Cães da província**. 7. Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997. Série Novo Romance, 9.
- BENCHIMOL, Márcio. **Apolo e Dionísio. Arte, filosofia e crítica da cultura no primeiro Nietzsche**. São Paulo: Fapesp, 2002.
- BANDEIRA, Célia Patrícia Sampaio (UFES/FAPES). Acordes adversos a harmonia: “Eu sou a vida, eu não sou a morte.” **Terra roxa e outras terras** – Revista de Estudos Literários. Volume 14 (Dez. 2008) Disponível em www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol14/TRvol14e.pdf
- BERTHOLD, Margot. **História Mundial do Teatro**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2000.
- CESAR, Guilhermino. **História do Rio Grande do Sul – Período Colonial**. São Paulo: Editora do Brasil S/A, 2ª edição, 1980.
- DODDS, E.R. **Os gregos e o irracional**. Tradução de Paulo Domenech Onto. São Paulo: Escuta, 2002.
- FIGUEIRÓ, Maristane Teresinha Pasa Vieira. **Quarteto Santo em Peças**. Triunfo: SER Produções, 2002.
- FRAGA, Eudinyr. **Qorpo-Santo: Surrealismo ou absurdo**. São Paulo: Perspectiva, 1988. Coleção Debates.
- FREITAS, Fernando de Castro. **Triunfo: História, Gente e Legendas**. Porto Alegre, Martins Livreiro – Editor. 1985.
- FREITAS, José L. **Triunfo na História do RGS – 1754-1954**. I volume. Porto Alegre: Editora Meridional, 1963.
- HELFERICH, Christoph. **História da filosofia**. Tradução de Sergio Repa, Maria Estela Heider Cavalheiro, Rodnei do Nascimento; revisão de tradução Maria Estela Heider Cavalheiro; revisão técnica Homero Santiago. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- LEÃO, José Joaquim de Campos. **Qorpo-Santo. Teatro completo**. Fixação do texto, estudo crítico e notas de Guilherme Cesar. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, Fundação Nacional de Arte, 1980.
- MARTON, Scarlet. **Nietzsche, o filósofo da suspeita**. Casa da Palavra, 2010.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Fragments finais**. Seleção, tradução e prefácio de Flávio R. Kothe. Brasília; Universidade de Brasília, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo**. Tradução, notas e prefácio J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

NIETZSCHE. **A Filosofia na época Trágica dos Gregos**. São Paulo: Escala. Col. Grandes obras do Pensamento Universal – 92.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1999.

PEREIRA, Marcelo de Andrade. A epiderme do pensamento: arte e educação sob o ponto de vista trágico do primeiro Nietzsche. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, v. 12, p. 89-105, 2009.

QORPO-SANTO. José Joaquim de Campos Leão. **As Relações naturais e outras comédias**. Disponível em [www.superdownloads.com.br/.../relacoes-naturais-qorpo-santo-e-outras-comédias](http://www.superdownloads.com.br/.../relacoes-naturais-qorpo-santo-e-outras-comedias) , acesso em 23 agosto, 2012)

QORPO SANTO. José Joaquim de Campos Leão. **Eu Sou Vida; Eu Não Sou Morte**. In: CESAR, Guilhermino (org.) Um credor da Fazenda nacional. Teatro Completo. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro / Fundação Nacional de Arte, 1980, p. 123-136 (Coleção de Teatro Brasileiro, 4).

QORPO-SANTO. José Joaquim de Campos Leão. **Miscelânea Quiriosa**. Organização, apresentação e notas Denise Espírito Santo. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

TIBURI, Margarida Maria de Barcellos. **Charqueadores, estancieiros e vereadores: elites econômicas e políticas nas margens do Jacuí (São Jerônimo – XIX)**. Monografia apresentada a Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Curso de Especialização em História do Rio Grande do Sul, São Leopoldo, RS, 2008.

ANEXO A - As Relações Naturais e outras comédias.

Sobre as primeiras peças encenadas: “As Relações Naturais”, “Mateus e Mateusa” e “Eu Sou Vida; Eu Não Sou Morte”.

Sabemos que Qorpo-Santo só teve sua importância recuperada apenas na segunda metade do século XX. Ele nos deixou como herança uma extensa obra teatral, em seus textos curtíssimos escritos em maio de 1866 que brincam o tempo todo com as palavras e com a gramática. Além disso, Qorpo-Santo escreveu textos teatrais que estão carregados de suas teses sociais, críticas e deboches aos costumes e instituições da época em que viveu, com seu toque cômico, que por vezes “mais parece trágico”, como ele próprio de refere. Curiosamente, as peças **As Relações Naturais; Mateus e Mateusa e Eu Sou Vida, Eu Não Sou Morte**, foram montadas pela primeira vez em 1966 em Porto Alegre, pela iniciativa de Fausto Fuser e Lúcia Melo, professores do Centro de Arte Dramática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e um ex-aluno, num só espetáculo que, em poucas e breves palavras coloco do que tratam.

As Relações Naturais

Essa peça trata de desejos reprimidos, contém um erotismo exacerbado para a época e é considerado praticamente um manifesto crítico, sobre: religiosidade, sexualidade e a família. O texto mostra um lar transformado em bordel e relações familiares incestuosas e perversas. Uma crítica ácida a instituição da família. Expõe desejos reprimidos pela sociedade e a intimidade familiar de forma cômica e cruel.

Mateus e Mateusa

Apresenta a relação de amor e ódio de um casal de idosos e suas filhas. Os personagens se agredem verbal e fisicamente e discutem a respeito do casamento e da vida em comum. Mais uma de suas críticas à família, esta peça está entre suas peças mais conhecidas. Escrita em único dia (12/05/1866) narra uma história cômica sobre as relações familiares que deixam o leitor/espectador refletindo sobre o sentido dessas relações.

Eu Sou Vida; Eu Não Sou Morte

Essa comédia possui um tom de tragédia. Trata-se de um triângulo amoroso em que estão envolvidos Linda e Lindo, e o Rapaz. O marido mata o rival (Lindo) em nome da honra, orgulho e integridade. Uma ironia aos valores da sociedade de sua época.

Nas três peças teatrais Qorpo- Santo apresenta situações bastante peculiares de conflitos sociais e que são consideradas fora de seu tempo, que, no entanto, são universais no que diz respeito a sua abrangência. Alguns temas estão presentes em toda sua obra, como a sexualidade e o erotismo, a ironia e o absurdo. A imaginação de Qorpo-Santo é criadora e ousada, desacomoda qualquer um, somada à sua teimosia e genialidade, fez com que muitos acreditassem ser ele o precursor do teatro do absurdo. Quanto a isso prefiro, no momento, não opinar, já que, há aqueles que concordam, outros que aceitam a genialidade do dramaturgo, mas acham exagero tal afirmação. Particularmente, após uma leitura relâmpago sobre as duas primeiras, acima citadas; achei-as divertidas, mais que isso, absurdas e instigantes, mas imagino-as muito melhor encenadas e escolho **Eu Sou Vida; Eu não Sou Morte**, para propor uma análise à luz do trágico em Nietzsche, sendo essa peça, a que me suscita haver um traço trágico bem forte e inspirar tais entrelaçamentos, entre a obra e o pensamento de dois “espíritos livres”, portanto, vamos ao conhecimento da mesma, que foi escrita, em maio de 1966 e que é considerada por Guilhermino Cesar “uma obra-prima”.

ANEXO B - Eu Sou Vida; Eu Não Sou Morte

Original digitalizado pertencente ao acervo da PUC/RS

Imagem digitalizada do original pertencente ao acervo da PUCRS

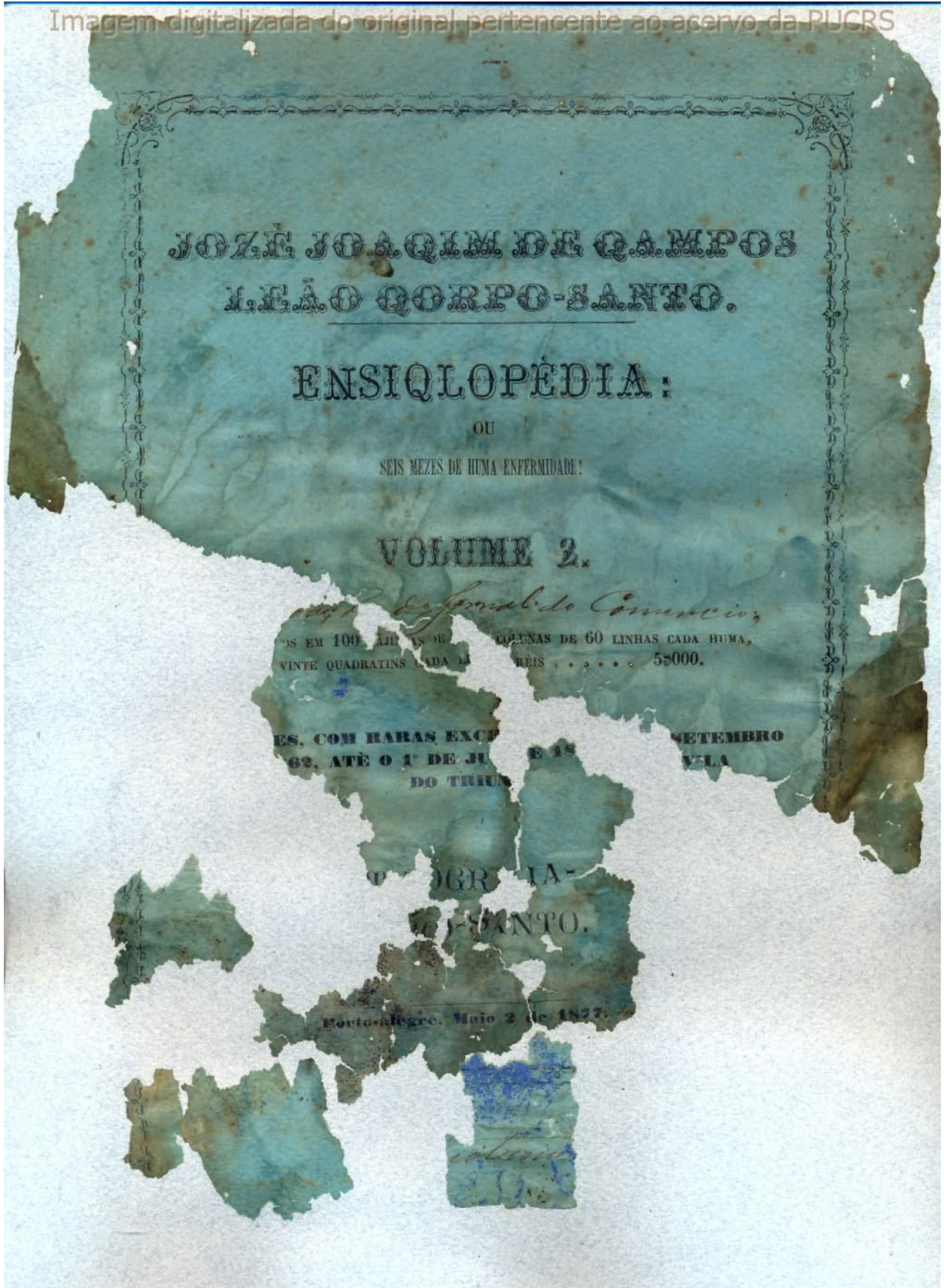


Imagem digitalizada do original pertencente ao acervo da PUCRS

EU SOU VIDA; EU NÃO SOU MORTE.

EM DOIS ACTOS.

PRIMEIRO.

Lindo, e Linda.

LINDA (cantando): Se não tivéres cuidado,
Alguns são danados,
Te ha de matar;
Te ha d'estraçalhar!

LINDO: Eu sou vida;
Eu não sou morte!
E' esta minha sorte;
E' esta minha lida!

LINDA: Ind' assim, toma sentido!
Vê que é tudo fingido;
Não creias algu. louvôr:
Sabei:—Te trará dôr:

LINDO: Se desrespeitará,
A vida minha?
A d'esse, azinha,
—Ao ar voará!

LINDA: Não te fies, meu Lindinho
Dos qe te fazem carinho.
Crê que te d'irão
Os lobos; enão, não!

LINDO: Sabei, o Lindinha:
Os que me maltratão,
A si se matão;
Tu ouves Anjinha!?

LINDA: Meu Lindinho, tu sabes quanto te amo!
quanto te adôro! sim meu querido amigo, quem
melhor conhece que tu o amor que neste peito
mortal, e as animado por esta alma (pondo a mão
na testa) immortal, te consagro! Ninguém cêr-
tamente! (pegando-lhe na mão): Adôcas-me pois
sempre com tuas palavras; com teus affectos; com
teu amor: ainda que fingido!

Sim, meu querido amigo! bafeja-me sempre
com o aroma de tuas palavras; com o perfume de
tuas expressões!

Sim, meu querido, Lembra-te que heí sido
batido, sempre batido das tempestades, que por
cinco ou seis vezes quazi há soçobrado; mas que
por graça Divina ainda viaja nos mares tempe-
stozos da vida!

LINDO: Ah! minha adorada prenda! tu que
fostes a ofrenda que me fez o Creador, em dias de

do mais befo amor, Ique pédes? como pédes
aquele que tanto te ama; mais que a própria ca-
ma?!
LINDA: Ha! ha! ha! meu quiridinho; quan-
to me deste; quanto me felicitastes com as
maviosas expressões desses teus bofes, ou pul-
mões— involtorios dos corações!.

LINDO: Estimo muito. E eu não sabia que
tu tinhas o dom de adivinhar que sempre que vou
apalpar, sinto bater neste peito — pancadas de
ambos os lados; isto é, do esquerdo e direito. l o qe
por certo convence que neste vácuo estreito abri-
go dois grãos corações. l

LINDA: Hh! ha! ha! Eu não digo (A' par-
te) que este figo me foi enviado por cão danado. l
quer me fazer crer que tem dois corações. l

—A cle: Amiguinho; inda não sabes de uma
couza. l queres saber? eu vol-a digo: Em? não
responde. l

LINDO: O que é; o que é, então!?

LINDA: O'ra o que ha de ser. l é que tu tens
dois corações dentro do estreito peito. l e eu ten-
ho duas cabeças por fóra dos largos seios. l

LINDO: Tu és o diabo. l Ninguém pode com
tigo. l és tripa que nunca se enche, por mais que
dentro se lhe bote. l és vazilha que não choca-
lha. l és... o que eu não quero dizer, porque
não quero que se saiba. l

LINDA: Pois já que me fazes comparações tão
sublimes; eu tambem vou te fazer huma de que
muito te debes agradar: Sabes qual é? não. l
pois eu te digo: és o diabo em figura de homem!
és... és... (atirando com as mãos, e caminhan-
do de hum para outro lado) és... és... l és! e
então que mais queres!?

Quero comparações mais bonitas; mais fi-
nas; delicadas; e elevadas; ao contrario ficare-
mos — figadaes inimigos. Tem entendido, Sr.
Sultãozinho? Pois se não tiver entendido, en-
tenda. l

LINDO: Bem: Vou fazer-lhe as mais mimo-
zas que á minha imaginação abundante; crescen-
te; e algumas vezes até demente; — ocorrem. l
Lá vai huma:

A Sra é pera que se não come. l

LINDA: E'ssa não presta. l

LINDO (Batendo na testa): E' preciso arrancar
desta cabeça ainda que seja com — algum gancho
de ferro — huma comparação que saptisfaça á esta

mulher; a o contrario é capaz de...

LINDA: E não se demore muito com as suas reflexões. Quero a comédia.

LINDO: Qual comédia, nem comédia! o que me comprometi a fazer-lhe foi comparação bonita; e não comédia; espere portanto. (torna a bater na cabeça, mais no craneo. (A' parte): Já que da testa não sahe, vejamos se tiro do craneo! — Ah! sim; agora appareceu huma; e que bella; que interessante; que agradável; que bonita; que delicada; que mimoza—é a comparação que fazer vou da Sr. D. Linda. é mesmo tão linda, como ella. tão formosa, como a flor mais mimoza! tão rica, como a jorroza bica! tão fina, como a ignota sina! tão... tão... tão... Quer mais? quer melhor? Não lhe dou; não lhe faço; não quero. (a correr em roda d'ella): Não lhe dou; não lhe faço; não quero; não posso; já dice. (repete duas vezes esta última negativa).

LINDA: Este menino é o diabinho em figura humana! dança, salta, pula, brinca... faz o diabo. sim, se não é o diabo em pessoa, ha occasiões em que parece o demónio; emfim, o que tira ele naquela cabeça!? (Ele meditava em pé e com huma mão encostada ao rosto) pensa horas inteiras, e nada diz! fala como o mais falador, e nada expressa! come como hum cavador, e nada obra! Emfim, é o ente mais extraordinario que meus olhos tem visto. que minhas mãos tem apalpado. que meu coração tem amado.

LINDO: Sr.: vou me embora (voltando-se rapidamente para ella, com aspecto muito triste, e salpicado de indignação): vou; vou; sim. Não a quero ver mais; não sou mais seu.

LINDA (com sentimento): Cruél! tyrano. suíço! lagarto! bixo! feio! mau! onde queres ir? porque não te cazas, inda que seja com huma negra quitandeira?

LINDO: Também eu direi; Cruel! ingrata! má! feia! porque não te ligas ainda que sejas a hum preto cangueiro?

(Entra hum rapaz todo paramentado, bengala, oculos, &c.)

Para hum, e depois para a outra; Vivão, madamas; mais que todos.

LINDO: (pondo-lhe as mãos, e empurrando): O que quer pois aqui!? não sabeque esta mulher é minha espôza.!?

O Rapaz: Dispense, eu não sabia. (voltando-se para Linda): mas a Sr. parece-me...

LINDA: O que mais? Não ouviu já ele dizer que sou mulher dele!? o que mais quer agora? agora fique solteiro, e vá cazar com huma enxada. Não quer acreditar que não ha direito; que ninguém faz cazo de papeis borrados; que isso são letras mortas. que o que serve; o que vale; o que dá direito—é a aquizição da mulher.!? que quem se pega com huma, essa tem, e tudo o que lhe pertence.!? sófra agora no isolamento, e na

obscuridão.!? seja solitario.!? viva para Deos.!? Ou meta-se n'um convento, se quiser companhia.!? Não vá mais á reunião de outros homens.

Rapaz (muito admirado): Esta mulher está doída! cazou commigo o anno passado, forão padrinhos Trico, e Trica; e agora fala esta linguagem! Está; está! não tem duvida!

LINDO: Já lhe disse (muito formalizado) que fiz esta conquista! agora o que quer?! conquistei—é minha! foi meu gosto; portanto safe-se senão o mato com este estoque! (Pega em huma bengala, e arrancou hum palmo de ferro).

LINDA: Não precisa tanto, Lindo! deixai-a cá comtigo... eu basto para nos deixar tranquilos.

Rapaz: O Sr. tem estoque, pois eu tenho punhal, e revolver! (mete a mão na algibeira da calça, puxa e aponta hum revolver): Agora de duas huma: Ou Linda é minha, e triunfa o Direito, a Natureza, a Religião — Ou é tua, e vences a bárbaria, a natureza em seu estado brutal, e a irreligião!

LINDA (para o rapaz): Mas eu o não quero mais; já o mandei para o leilão trez vezes. vendi em particular — quinze. já o aluguei oito. e já o libertei, seguramente por dez. não quero nem vel-o, quanto mais tê-lo.

Rapaz (gaguejando, querendo falar, e sem poder):

LINDA: Até a voz de sabião, lhe tiraram o canto de gaturama, lhe roubaram o que se meter commigo.

Rapaz (fazendo tremar a bengala, e sem poder allamamente pronunciar as seguintes palavras): Ah! Mãe de... mulher! diabo! di... (diz-se a elle, revolver cache no chão e p... a derramar lagrimas com os braços e ombros dela, por espaço de minutos).

LINDO (querendo levantar o revolver, e quando lava pert... do Rapaz; este dá-lhe hum golpe na cara):

Safa! Pensei que a mulher já o tivesse matado com o abraço, metem-lhe nas entranhas todo o veneno da mais venenosa cascavel, e ella ainda dá ares de vida, e de forte pregando-nos a cara a estampa de seus finos pees! É hum monstro que vive!

Bem dizia certo Médico que era capaz de conservar viço hum cavallo depois de morto, por espaço de oitomezes sempre a andar; e effo que se dá a rinxar! — Demol! (atirando com a bengala) não quero mais armas!

(Rapaz e Linda desprendem-se dos braços hum do outro; desce então huma especie de nevoa de nuvens sobre os dous; Lindo quer abrigar-se tambem, e não pode: chora; lamenta; pragueja; levanta-se rapidamente a nuvem, torna a descer sobre os trez; mas separando aquele).

ouve-se derrepente huma grande trovoadade; veem-se relampagos; todos tremem, querem fu-

gir, não podem; gritam: Pimição Divina! — e ca-
hem prostrados de joelhos).

(Fim do Acto 1.º)

SEGUNDO

SCENA PRIMEIRA

Huma jovem vestida de negra com hum me-
lha por diante: atravessa hum cavalheiro, ela
para este (correndo): Senhor! Senhor! porquem
sois, dizei-me onde estão meu marido! ou meu espo-
zo! o meu amigo!

O cavalheiro embuçado n'hum cap (desem-
buçando-se): Esqueceste que ainda hontem aqui
o assassinastes com os horrores de tuas cruelda-
des!?

Mulher! tu me conheces! sabes quem sou! ou
não sabes?

Pérfida! cruel! ingrata! vê seu marido dian-
te de si, e apresenta-se a ele vestida de negro,
luto que botou por sua morte!

Ella (afastando-o com as mãos, como querendo
fugir): Quem sois vós, ingrato! que assim me
falais!?

Elle: Ainda perguntas; — sacudindo a cabeça
— ainda respondes! quem sou eu? desconheces o
Lindo teu affectuoso consorte! e ainda pergun-
tas?!

Ella: Tirano! fuge de minha presença!
despresastes os meus conselhos, não quizestes
ouvir-me, e queixas-te! bárbaro! cruel! eu não
te dice que te não fesses de pessoa alguma!
por que te fiastes!?

Elle: E tú Maga Circe; para que me illudis-
tes! para que me dicestes que éras solteira, quan-
do é certo eras cazada com o mais bello rapaz!?

Ella: Eu... eu... não dice: más... você... não
ignorava: bem sabia que eu era mulher
de seu primo! ignorava? penso que não! para
que me botou fora! para que me procurou!

Elle: Não sei onde estou, não sei onde me
acho, não sei o que faço! Esta mulher (atirando-
se, como para agarral-a) é o demo em pessoa; é o
ente mais admiravel que eu tenho conhecido! é
capaz de tudo! já não digo de revolucionar hum
provincia, de pôr em armas e mesmo de destruir
hum Imperio! Mas de revolucionar o mundo, de
fazer de converter os grãos em terras e as ter-
ras em agoas, de, se tal tentasse, fazer do globo que
habitamos — peteca!

Ella: E' muito exagerado! que atrevido
conceito de mim forma! que audacia! nem ao
menos quer ver que fala diante de hum irmã de
9 a 10 annos!

Elle: Que fazeis por estas paragens, onde não
vos é mais dado vir, porque já vos não pertem-
cem?!

Ella: (com ar satiricos e mordaz): Procuro-

vos; cruel!

Elle: Sim; procuras-me para de novo cravar-
me o punhal, da trahição! E's bem má... és mui-
to má!

A Menina: Papai! (aproximando-se d'elle)
que tem? está doente? me conte; — o que lhe
aconteceu? o que foi? diga Papai! diga! diga! eu
ó euro, se estiver doente. E se não estiver, a
Mamã hade o curar!

Elle (tomando a menina nos braços; abraçan-
do-a beijando-a):

Minha querida filha! quanto adóção a minha
existencia tuas térnas, e maravilhosas palavras!
quanto transfórman os furores de meu coração,
as doçuras de tuas meigas expressões! quanto
apraz me ver-vos!

Ah! Sim; tú és o fruto de hum amôr... Sim
és! tua mã sem que eu o soubesse depois cazou;
procurou juntar-se a mim... illudiu-me! Mas
querida filha! Sinto hum dôr neste peito! (des-
prendendo-se da filha) este coração parece tras-
passado de dôr! est' alma, repassada de amargu-
ra, este corpo, hum composto de martirios! Cé-
os... (arrancando os cabelos)—eu tremo! vaci-
lo!.....

A mulher: Célebre couza! quem havia de
supor que este pobre homem havia de ficar no
mais deploravel estado! seu juizo é nenhum!
sua vista... não tem; é cêgo! seus ouvidos,
não tem timpanos; já não são outra couza mais
que dois formidaveis buracos! que hei de eu fa-
zer dele!?

(Entra o Rapaz armado, vestido a militar, e
com a mão no punho da espada)

Rapaz: Hoje decidiremos (A parte) quem é o
Sr. desta mulher, embora esta filha fosse fabri-
cada pelo meu rival: (desembainha a espada, e
pergunta para o rival):

A quem pertence esta mulher? a ti que a rou-
bastes... que lhe destes esta filha? ou a mim que
depois com ela liguei-me, pelo Sangue; pelas
Leis civis e ecclesiasticas ou de Deos, e dos ho-
mens!?

Fala! responde! ao contrario, váro-te com
esta espada!

Lindo: Ela quiz; e como a vontade é livre não
podeis ter sobre-ela mais direito algum!

Rap: Em tal cazo... e se ela amanhã dicer
que te não quer? e se o mesmo fizer no seguinte dia
para com outro!

Onde está a ordem! a estabilidade em tudo
que pode convir ás familias, e aos estados! onde
iriamos parar com taes doutrinas! o que
seria de nós? de todos!?

Lindo: Não sei: o que sei é que as vontades
são livres; e que por isso cadaqual faz o que
quer!

Rap: Pois como as vontades são livres; e
cada qual faz o que quer: como não ha leis! ór-
dem! moral! religião!

Imagem digitalizada do original pertencente ao acervo da PUCRS

— 1 —

Eu tambem farei o que quero. l e porque esta mulher, não me pôde pertencer enquanto tu existires, — váro-te com esta espada. l (atraves-sando-o com a espada; fha apparecia de sangue.)

Jorra o teu sangue em borbotões. l exhausto o corpo, exhausta a vida. l e com ela todas as tuas futuras pretensões, e ambições. l

Mórte (gritando, e arrancando a espada) cruel. l e a tua morte será hum novo exemplo — para os Governos; e para todos os que ignorão que as espadas se cingem; que as bandas se atão; que os galões se pregão; não para calcar; mas para defender a honra, o brío, a dignidade, e os interesses das Familias. l

A honra, o brío, a dignidade, a integridade Nacional. l

(Lindo cabe sobre hum cotovelo; a mulher cobre-se com hum véo e fica como se estivesse morta; a menina olha admirada para tão triste espectáculo).

O Rapaz (voltando-se para a mãe e a filha):

De hoje em diante, Sra., quer queira, quer não, serás minha mulher, consorte, espôza. l e tú minha querida menina, continuarás a ser a mimoza dos meus olhos, a flôr que me aromatiza; a santa que me diviniza. l

Eis como Deos ajuda a quem trabalha. l

Depois de milhares de trabalhos, incomodos, perdas, e perigos. l depois de centenas de furtos; roubos; e as mais negras atrocidades. l Depois de huma infinidade de insultos; penas; crueldades: o que não pude vencer, ou fazer triumphar com a penna; razões; discursos; acabo de fazel-o com a espada. l

(Estende esta; e assim deve terminar o Segundo Acto; e mesmo findar a comédia que mais parece — Tragédia).

Maio 16 de 1866.

Por José Joaquim de Campos Leão Corpo-santo.

Já se vê pois que a mulher era cazada, foi antes desflorada, depois roubada ao marido pelo desflorador, &, que passado algum tempo encontrou-se, e juntou-se a este; que o marido sentou praça como official; e finalmente que para reaver sua legitima mulher, foi-lhe mistér dar a morte physica ao seu primeiro amigo, ou roubador.

São portanto as figuras que nela entrãõ:

Lindo, — roubador.

Linda, — mulher roubada.

Rapaz ou Japegão, — legitimo marido!
Manoelinha, — filha.

Reprodução disponível no site www.recantodasletras.com.br

EU SOU VIDA; EU NÃO SOU MORTE

Comédia em dois atos

PERSONAGENS

Lindo

Linda

Rapaz

Manuelinha, *filha de Linda*

ATO PRIMEIRO

Lindo e Linda

LINDA - (*cantando*)

Se não tiveres cuidado,

Algum Cão danado

Te há de matar;

Te há d'estraçalhar!

LINDO -

Eu sou vida;

Eu não sou morte!

E esta minha sorte;

É esta minha vida!

LINDA -

Ind'assim, toma sentido!

Vê que é tudo fingido;

Não creias algum louvor:

Sabei: - Te trará dor!d

LINDO -

Se desrespeitará

A vida minha?

*A desse, asinha,
- Ao ar voará!*

LINDA -
*Não te fies, meu Lindinho,
Dos que te fazem carinho,
Crê que te devoram
Os lobos; e não coram!*

LINDO -
*Sabei, ó Lindinha:
Os que me maltratam
A si se matam:
Tu ouve; Anjinha!?*

LINDA - Meu Lindo, tu sabes quanto te amo! Quanto te adoro! Sim, meu querido amigo, quem melhor conhece do que tu o amor que neste peito mortal, mas animado por esta alma (*pondo a mão na testa*) imortal, te consagro!? Ninguém, certamente. (*Pegando-lhe na mão.*) Adoças-me pois sempre com tuas palavras; com teus afetos; com teu amor ainda que fingido! Sim, meu querido amigo, bafeja-me sempre com o aroma de tuas palavras; com o perfume de tuas expressões! Sim, meu querido, lembra-te que hei sido baixel, sempre batido das tempestades, que por cinco ou seis vezes quase há soçobrado; mas que por graça Divina ainda viaja nos mares tempestuosos da vida!

LINDO - Ah! minha adorada prenda, tu que foste a oferenda que me fez o Criador, em dias do mais belo amor, que pedes? Como pedes àquele que tanto te ama; mais que à própria cama?

LINDA - Há! há! há! meu queridinho; quanto me deste; quanto me felicitaste com as maviosas expressões desses teus bofes, ou pulmões - envoltórios dos corações!

LINDO - Estimo muito. E eu não sabia que tu tinhas o dom de adivinhar que sempre que vou apalpar, sinto bater neste peito - pancadas de ambos os lados; isto é, do esquerdo e direito. O que por certo convence que neste vácuo estreito abrigo dois grãos corações.

LINDA - Há! há! há! Eu não digo (*à parte*) que este figo me foi enviado por cão danado? Quer me fazer crer que tem dois corações. (*A ele:*) Amiguinho, ainda não sabes de uma cousa. Queres saber? Eu vô-la digo Hem? não responde!

LINDO - O que é; o que é, então!!?

LINDA - Ora o que há de ser! Ê que tu tens dois corações dentro do peito, eu tenho duas cabeças por fora dos largos seios.

LINDO - Tu és o diabo! Ninguém pode contigo! És tripa que nunca se enche, por mais que dentro se lhe bote. És vasilha que não chocalha. És... o que eu não quero dizer, porque não quero que se saiba.

LINDA - Pois já que me fazes comparações tão sublimes, eu também vou te fazer uma de que muito te debes agradecer. Sabes qual é, não? Pois eu te digo: és o diabo em figura de homem! És... és... (*atirando com as mãos e caminhando de um para outro lado*) és... és! és! E então, que mais queres!? Quero comparações mais bonitas; mais finas; delicadas; e elevadas; ao contrário, ficaremos - figadais inimigos. Tem entendido, Sr. Sultãozinho? Pois se não tiver entendido, entenda!

LINDO - Bem. Vou fazer-lhe as mais mimosas que à minha imaginação abundante, crescente, e algumas vezes até demente - ocorrem! Lá vai uma: A Sra. é pêra que não se come!

LINDA - Essa não presta!

LINDO - (*batendo na testa*) É preciso arrancar desta cabeça, ainda que seja com - algum gancho de ferro - uma comparação que satisfaça a esta mulher; ao contrário é capaz de...

LINDA - E não se demore muito com as suas reflexões! Quero a comédia.

LINDO - Qual comédia, nem comédia! O que me comprometi a fazer-lhe foi comparação bonita; e não comédia. Espere, portanto. (*Torna a bater na cabeça, mais no crânio. À parte:*) Já que da testa não sai, vejamos se tiro do crânio! Ah! sim; agora aparece uma; e que bela; que interessante; que agradável; que bonita; que delicada; que mimosa - é a comparação

que vou fazer da Sra. D. Linda! ~ mesmo tão linda como ela! Tão formosa, como a flor mais mimosa! Tão rica, como a jorrosa bica! Tão fina, como a ignota si na! Tão... tão... tão... Quer mais? Quer melhor? não lhe dou; não lhe faço; não quero! (*A correr em roda dela:*) Não lhe dou; não lhe faço; não lhe dou; não lhe faço; não quero; não posso; já disse. (*Repete duas vezes esta última negativa.*)

LINDA - Este menino é o diabinho em figura humana! Dança, salta, pula, brinca... Faz o diabo! Sim, se não é o diabo em pessoa, há ocasiões em que parece o demônio; enfim, o que terá ele naquela cabeça!?! (*Lindo medita em pé e com uma mão encostada no rosto.*) Pensa horas inteiras, e nada diz! Fala como o mais falador, e nada expressa! Come como um cavador, e nada obra! Enfim, é o ente mais extraordinário que meus olhos têm visto, que minhas mãos têm apalpada, que meu coração tem amado!

LINDO - Senhora: vou me embora (*Voltando-se rapidamente para ela, com aspecto muito triste, e salpicado de indignação:*) Vou; vou, sim! Não a quero mais ver; não sou mais seu!

LINDA - (com sentimento) Cruel! Tirano! Suíço! Lagarto! Bicho feio! Mau! Onde queres ir? Por que não te casas, inda que seja com uma negra quitandeira?

LINDO - Também eu direi; Cruel! Ingrata! Má! Feia! Por que não te ligas ainda que seja a um preto cangueiro?

(*Entra um rapaz todo paramentado, bengala, bculos, etc.*)

O RAPAZ - (*para um, e depois para a outra*) Vivam, madamas; mais que todos!

LINDO - (*pondo-lhe as mãos, e empurrando*) O que quer pois aqui!?! Não sabe que esta mulher é minha esposa!?

O RAPAZ - Dispense, eu não sabia! (*Voltando-se para Linda:*) Mas Sra., parece-me...

LINDA - O que mais?! Não ouviu já ele dizer que sou mulher dele!?! O que mais quer agora? Agora fique solteiro, e vá casar com uma enxada! Não quer acreditar que não há direito; que ninguém faz caso de papéis borrados; que isso são letras mortas; que o que serve, o que vale, o

que dá direito – é a aquisição da mulher!? Que quem se pega com uma, essa tem, e tudo o que lhe pertence! Sofra agora no isolamento, e na obscuridade! Seja solitário! Viva para Deus! Ou meta-se num convento, se quiser companhia. Não vá mais à reunião de outros homens.

O RAPAZ (*muito admirado*) Esta mulher está doida! Casou comigo o ano passado, foram padrinhos Trico e Trica; e agora fala esta linguagem! Está; está! Não tem dúvida!

LINDO - Já lhe disse (*muito formalizado*) que fiz esta conquista! Agora o que quer?! Conquistei - é minha! Foi meu gosto: portanto, safe-se, senão o mato com este estoque! (*Pega em uma bengala e arranca um palmo de ferro.*)

LINDA - Não precisa tanto, Lindo! Deixai-o cá comigo... Eu basto para nos deixar tranqüilos!

O RAPAZ - O Sr. tem estoque, pois eu tenho punhal e revólver! (*Mete a mão na algibeira da calça, puxa e aponta um revólver.*) Agora, de duas uma: ou Linda é minha, e triunfa o Direito, a Natureza, a Religião ou é tua, e vence a barbaria, a natureza em seu estado brutal, e a irreligião!

LINDA - (*para o rapaz*) Mas eu o não quero mais; já o mandei para o leilão três vezes! Já o vendi em particular quinze! Já o aluguei oito! E já o libertei, seguramente por dez vezes! Não quero nem vê-lo, quanto mais tê-lo!

(*O rapaz, gaguejando, querendo falar, e sem poder.*)

LINDA - Até a voz de sabiá, lhe tiraram! Até o canto de gaturama, lhe roubaram! E ainda quer se meter comigo!

O RAPAZ - (*fazendo trinta mil caretas para falar, e sem poder; ultimamente, desprende as seguintes palavras:*) Ah! Mulher! mulher! diabo! diabo! (*Atira-se a ela, o revólver cai no chão; passa a derramar lágrimas, com os braços nos ombros dela, por espaço de cinco minutos.*)

LINDO - (*querendo levantar o revólver, que estava perto do pé do rapaz; este dá-lhe um couce na cara.*) Safa! Pensei que a mulher já o tinha matado com o abraço, metendo-lhe nas

entranhas todo o veneno da mais venenosa cascavel; e ele ainda dá ares de vida, e de força, pregando~me na cara a estampa de seus finos pés! - um morto que vive! Bem dizia certo médico que era capaz de conservar vivo um cavalo depois de morto, por espaço de oito meses, sempre a andar; e creio que até a rinchar! - Demo! (*Atirando com a bengala.*) Não quero mais armas!

O RAPAZ E LINDA - (*despreendem-se dos braços um do outro; desce então uma espécie de véu, de nuvens, sobre os dois. Lindo quer abrigar-se também, e não pode: chora; lamenta; pragueja. Levanta-se rapidamente a nuvem, torna a descer sobre os três; mas separando aquele. Ouve-se de repente uma grande trovoada; vêem-se relâmpagos; todos tremem, querem fugir, não podem. Gritam:)* Punição Divina! (*E caem prostrados de joelhos.*)

SEGUNDO ATO

Cena Primeira

(*Uma jovem vestida de negro com uma menina por diante. Atravessa um cavalleiro.*)

A JOVEM - (*para este*) Senhor! Senhor! por quem sois, dissei-me onde está o meu marido, ou meu esposo, o meu amigo! (*O cavalleiro embuçado numa capa desembuçando-se*) Esqueceste que ainda ontem aqui o assassinaste com os horrores de tuas crueldades!?

ELE - Mulher! tu me conheces! Sabes quem sou, ou não sabes? (*À parte:*) Pérfida, cruel, ingrata! Vê seu marido diante de si, e apresenta-se a ele vestida de negro, luto que botou por sua morte.

ELA - (*afastando-o com as mãos, como querendo fugir*) Quem sois vós, ingrato, que assim me falais!?

ELE - Ainda perguntas. (*Sacudindo a cabeça.*) Ainda respondes. Quem sou eu? Desconheces o Lindo, teu afetuoso consorte, e ainda perguntas?!

ELA - Tirano! Foge de minha presença! Desprezaste os meus conselhos, não quiseste ouvir-me, e queixas-te. Bárbaro! Cruel! Eu não te disse que te não fiasses de pessoa Alguma! Por que te fiaste!?

ELE - E tu, Maga Circe: para que me iludiste! Para que me disseste que eras solteira, quando é certo eras casada com o mais belo rapaz!?

ELA - Eu... eu... não disse: mas você... não ignorava; bem sabia que eu era mulher de seu primo! Ignorava? Penso que não! Para que me botou fora! Para que me procurou?

ELE - Não sei onde estou, não sei onde me acho, não sei o que faça. Esta mulher (*atirando-se, como para agarrá-la*) é o demônio em pessoa; é o ente mais admirável que eu tenho conhecido! É capaz de tudo! Já não digo de revolucionar uma província, de pôr em armas e mesmo de destruir um Império! Mas de revolucionar o mundo, de fazer, de converter os grãos em terras e as terras em águas; de, se tal tentasse, fazer do globo que habitamos - peteca!

ELA - É muito exagerado. Que atrevido conceito de mim forma! Que audácia! Nem ao menos quer ver que fala diante de uma filha de nove a dez anos!

ELE - Que fazeis por estas paragens, onde não vos é mais dado vir, porque já vos não pertencem?!

ELA - (*com ar satírico e mordaz*) Procuvo-vos, cruel.

ELE - Sim: procuras-me para de novo cravar-me o punhal da traição! És bem má... és muito má!

A MENINA - Papai! (*Aproximando-se dele.*) Que tem? Está doente? Me conte: - o que lhe aconteceu? O que foi? Diga, Papai) diga, diga! Eu o curo, se estiver doente. E se não estiver, a Mamãe há de curar!

ELE - (*tomando a menina nos braços; abraçando-a e beijando-a*) Minha querida filha! Quanto adoçam a minha existência tuas ternas e maravilhosas palavras! Quanto transformam os furores de meu coração, as doçuras de tuas meigas expressões. [*Para ambas:*] Quanto

apraz-me ver-vos! *[Para a menina:]* Ah! sim! Tu és o fruto de um amor.. . Sim, és! Tua mãe, sem que eu soubesse, depois casou; procurou juntar-se a mim... iludia-me! Mas, querida filha, sinto uma dor neste peito. *(Desprendendo-se da filha.)* Este coração parece traspassado de dor. Esta alma, repassada de amargura. Este corpo, um composto de martírios! Céus... *(Arrancando os cabelos)* eu tremo! Vacilo!...

ELA - Célebre cousa! Quem havia de supor que este pobre homem havia de ficar no mais deplorável estado! Seu juízo é nenhum! Sua vista... não tem; é cego! Seus ouvidos, não têm tímpanos; já não são outra cousa mais que dois formidáveis buracos! Que hei de eu fazer dele!?

(Entra o Rapaz armado, vestido de militar, e com a mão no punho da espada)

O RAPAZ - Hoje decidiremos *(à parte)* quem é o marido desta mulher, embora esta filha fosse fabricada pelo meu rival. *(Desembainha a espada e pergunta para o rival:)* A quem pertence esta mulher? A ti que a roubaste... que lhe deste esta filha? Ou a mim que depois com ela liguei-me pelo sangue; pelas Leis civis e eclesiásticas, ou de Deus e dos homens!? Fala! Responde! Ao contrário, varo-te com esta espada!

LINDO - Ela quis; e como a vontade é livre, não podeis ter sobre ela mais direito algum!

O RAPAZ - Em tal caso... e se ela amanhã disser que não quer? E se o mesmo fizer no dia seguinte para com outro? Onde está a ordem, a estabilidade em tudo que pode convir às famílias e aos Estados!? Onde iríamos parar com tais doutrinas!? O que seria de nós? de todos!?

LINDO - Não sei. O que sei é que as vontades são livres; e que por isso cada qual faz o que quer!

O RAPAZ - Pois como as vontades são livres e cada qual faz o que quer; como não há leis, ordem, moral, religião!... Eu também farei o que quero! E porque esta mulher não me pode pertencer enquanto tu existires - varo-te com esta espada!*(Atravessando-o com a espada; há aparência de sangue.)* Jorra o teu sangue em borbotões. Exausto o corpo, exausta a vida! E com ela todas as tuas futuras pretensões e ambições! Morre *(gritando e arrancando a espada)*, cruel! e a tua morte será um novo exemplo - para os Governos; e para todos os que

ignoram que as espadas se cingem; que as bandas se atam; que os galões se pregam; não para calcar, mas para defender a honra, o brio, a dignidade, e o interesse das Famílias! A honra, o brio, a dignidade, a integridade Nacional!

(Lindo cai sobre um cotovelo; a mulher cobre-se com um véu e fica como se estivesse morta; a menina olha admirada para tão triste espetáculo.)

O RAPAZ *(voltando-se para a mãe e a filha)* De hoje em diante, Senhora, quer queiras, quer não, serás minha mulher, consorte, esposa! ~ tu, minha querida menina, continuarás a ser a mimosa dos meus olhos, a flor que aromatiza; a santa que me diviniza! Eis como Deus ajuda a quem trabalha! Depois de milhares de trabalhos, incômodos, perdas e perigos! Depois de centenas de furtos; roubos; e as mais negras atrocidades! Depois de uma infinidade de insultos; penas; crueldades; o que não pude vencer, ou fazer triunfar com a pena, razões, discursos, acabo de fazê-lo com a espada!

(Estende esta; e assim deve terminar o Segundo Ato; e mesmo findar a comédia, que mais parece - Tragédia.)

Maio 16 de 1866.

Por José Joaquin de Campos Leão Qorpo-Santo.

*Já se vê pois que a mulher era casada, foi antes deflorada, depois roubada ao marido pelo deflorador, etc.; que passado algum tempo encontrou-se e juntou-se a este; que o marido sentou praça como oficial; e finalmente que para reaver sua legítima mulher, foi-lhe mister dar a morte física ao seu primeiro amigo, ou roubador.

São portanto as figuras que nela entram:

Lindo, *roubador*.

Linda, *mulher roubada*.

Rapaz ou Japagão, *legítimo marido*.

Manuelinha, *filha*.